

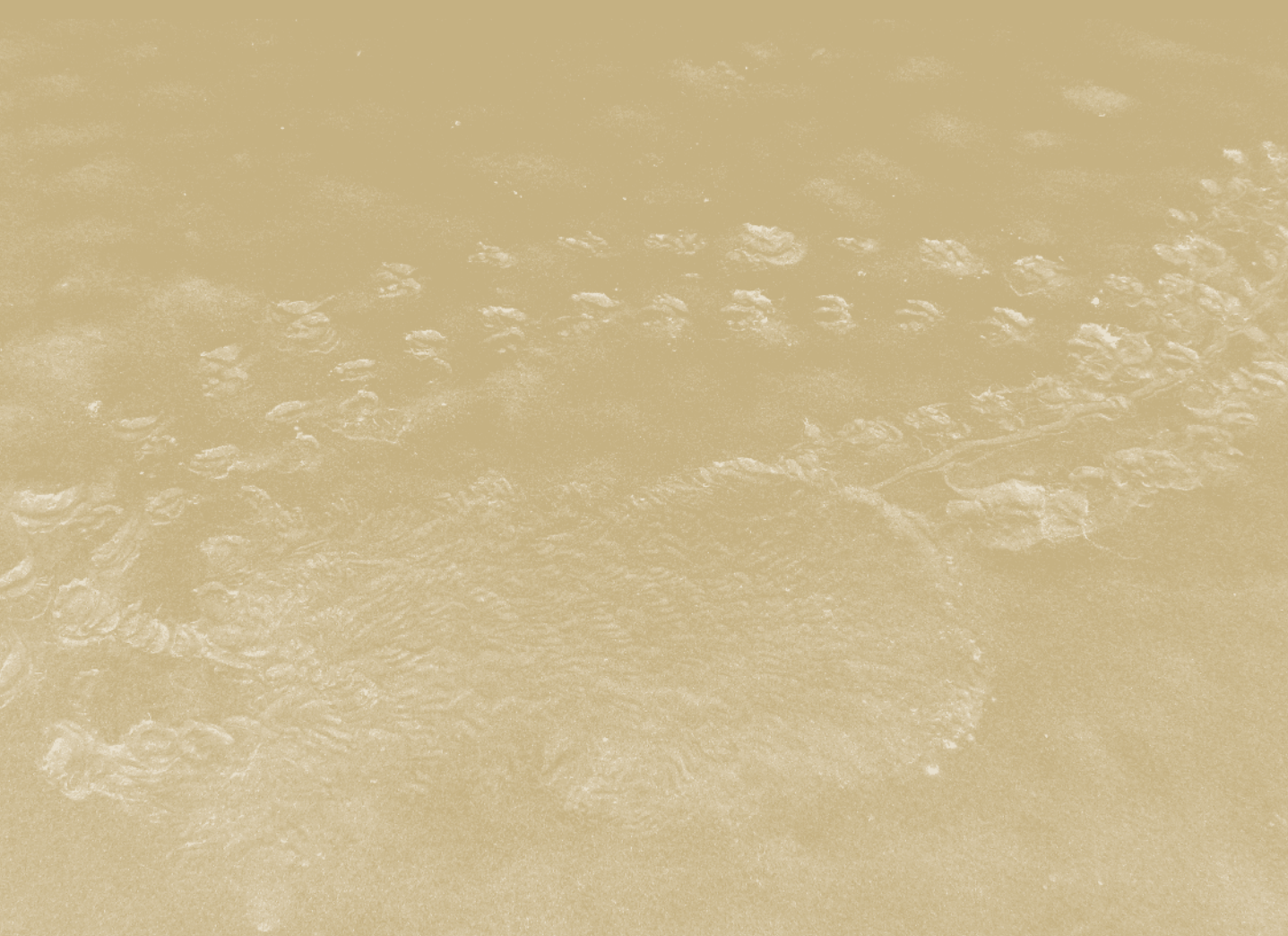
Os Marubo e os bichos de casco do rio Ituí

Série estudos socioambientais



Os Marubo e os bichos de casco do rio Ituí

Série estudos sócioambientais



O **Centro de Trabalho Indigenista** (CTI), fundado em 1979, é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, constituída por profissionais comprometidos com o presente e o futuro dos povos indígenas. Tem como finalidades: contribuir para que os povos indígenas exerçam o controle e a conservação ambiental de suas Terras, garantir o cumprimento de seus direitos constitucionais e apoiar sua afirmação étnica e cultural. Atua em Terras Indígenas situadas nos Biomas Amazônia, Cerrado, Pantanal, Mata Atlântica e Pampa.

Para saber mais sobre o CTI consulte: <https://trabalhoindigenista.org.br>

CONSELHO ESTRATÉGICO

Andréia Bavaresco (presidência), Maria Auxiliadora, Cruz de Sá Leão, Maria Elisa Ladeira, Maria Inês Ladeira, Juliana Noletto e Eliza Castilla

COORDENAÇÃO EXECUTIVA

Jaime Siqueira

Programa Javari

CONSELHO

Conrado Rodrigo Octavio, Hilton Nascimento e Maria Elisa Ladeira

COORDENAÇÃO DO PROGRAMA JAVARI

Helena Ladeira e Victor Gil

EQUIPE TÉCNICA

Diogo Azanha, Fabrício Camargo, Janekely Reis D'Ávila, Manuella Rodrigues e Thiago Arruda



Embaixada da Noruega
Brasília

ESCRITÓRIO SÃO PAULO
RUA GENERAL JARDIM 660, SALA 71
BAIRRO: VILA BUARQUE
SÃO PAULO – SP
CEP: 01223-010

ESCRITÓRIO BRASÍLIA
SCLN 210 BLOCO C, SALAS 209/212
BAIRRO: ASA NORTE
BRASÍLIA – DF
CEP: 70862-530

ESCRITÓRIO MARANHÃO
RUA PALMÉRIO DE SOUZA, 485 B
BAIRRO: CENTRO
CAROLINA – MA
CEP: 65980-000

ESCRITÓRIO AMAZONAS
TRAVESSA DA AIURICABA, 05
BAIRRO: COMUNICAÇÕES
TABATINGA – AM
CEP: 69640-000

Os Marubo e os bichos de casco do rio Ituí

Série estudos sócioambientais

Setembro, 2020

Os Marubo e os bichos de casco do rio Ituí

Série estudos sócioambientais

© Centro de Trabalho Indigenista – CTI/Programa Javari

COORDENAÇÃO E EDIÇÃO DA PUBLICAÇÃO

Maria Elisa Ladeira

ORGANIZAÇÃO E PESQUISA

Hilton S. Nascimento, Andrea Ramos Abdala, Pedro Cuba Mamede e Liriann Silva

COLABORAÇÃO

Thiago Arruda e Diogo Azanha

MAPAS

Diogo Azanha e Renata A. Alves

REVISÃO DE TEXTO

Larissa Lanza

PROJETO GRÁFICO

Renata Alves de Souza | Tipo Gráfico Comunicação

REALIZAÇÃO



PARCERIA



APOIO AO TRABALHO

MISEREOR
IHR HILFswerk



Regnskogfondet
RAINFORREST FOUNDATION NORWAY

APOIO AO TRABALHO E À PUBLICAÇÃO

FUNDO
AMAZONIA

BNDES

PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL

Sumário

Apresentação	6
Os Marubo e seu território	10
O povo Marubo	11
A Terra Indígena Vale do Javari	14
O rio Ituí	16
A exploração dos bichos de casco do rio Ituí pelos não indígenas	19
Os Marubo e os bichos de casco	26
“Antes tinha muito” - a diminuição dos bichos de casco no rio Ituí	28
Shakayavo: o conhecimento Marubo sobre os bichos de casco	32
Os shakayavo/bichos de casco presentes no território dos Marubo do rio Ituí	34
Saberes tradicionais: os indicadores naturais da época de desova dos bichos de casco	41
A proteção dos bichos de casco: novas formas de manejo entre os Marubo do Ituí	42
O manejo tradicional Marubo	44
As restrições alimentares	45
Shawē Vatxi Piá: a Festa dos Ovos de Tartaruga	46
Cuidando das praias com desovas	50
A criação de bichos de casco em açudes	55
O monitoramento técnico das desovas de tracajá e tartaruga no rio Ituí	62
As desovas de tracajás e tartarugas no rio Ituí	64
O período e as praias de desovas de tracajás e tartarugas no rio Ituí	68
O “vazio” de atividades reprodutivas de tartarugas no baixo Ituí	72
Assessoria às novas formas de gestão territorial e ambiental entre os Marubo do Ituí	76
As principais ameaças aos bichos de casco do Ituí	80
O acordo entre os Marubo do Ituí sobre o manejo dos seus bichos de casco	82
Linha do tempo	86
Materiais consultados	100

Apresentação

“O problema dos tracajás é em todos os rios da TI Vale do Javari, é com os Matis, com os Mayoruna e com os Kanamari.”

(Paulo Shako Marubo, professor da aldeia Boa Vista)

A reprodução dos bichos de casco é responsável por uma das maiores migrações sazonais realizada pelos povos indígenas na Amazônia, inclusive por grupos indígenas isolados. A abundância no verão amazônico dessa rica fonte de proteína, período em que as praias, necessárias para a deposição dos seus ovos, se tornam disponíveis, promove o deslocamento de famílias inteiras ou mesmo de toda uma aldeia em busca desse cobiçado e valorizado recurso natural.

Historicamente, a mais famosa espécie de bicho de casco da Amazônia, a tartaruga-da-amazônia (*Podocnemis expansa*), tem sido intensamente explorada desde a chegada dos colonizadores europeus na região, levando suas populações a drásticas reduções. Por isso, grande parte da pressão sobre esse recurso tem se direcionado cada vez mais para as populações de tracajás (*Podocnemis unifilis*). Situação que juntamente com o processo de sedentarização, crescimento populacional e confinamento territorial pelo qual muitas comunidades indígenas têm passado, vem provocando uma diminuição de ambas as espécies em muitas áreas da Amazônia, ameaçando a soberania alimentar de vários povos indígenas e de outras populações tradicionais.



Tracajá flagrado desovando na praia

Realidade que também tem sido enfrentada na última década pelo povo Marubo, habitante do rio Ituí, na Terra Indígena (TI) Vale do Javari. Ao perceberem cada vez mais a redução desse importante recurso, alguns pesquisadores Marubo, formados pelo Centro de Trabalho Indigenista (CTI), deram início a um processo de discussão e implementação de novas formas de manejo dos bichos de casco em seu território. Nessa perspectiva, em 2012, 30 jovens professores e lideranças Marubo, ao participarem da oficina de “Levantamento Ambiental Participativo da Biodiversidade do Território Marubo do rio Ituí”¹, expressaram sua preocupação pela nítida redução das populações de tracajás e tartarugas nesse rio, principalmente no seu alto curso.



Tracajá tomando sol em cima de troncos caídos ao longo do rio Ituí

Em resposta a essa preocupação e à total falta de informações sobre os estoques populacionais e sobre a ecologia reprodutiva dessas espécies na TI Vale do Javari, o CTI e os Marubo do rio Ituí, em parceria com a Organização das Aldeias Marubo (OAMI), realizaram, em 2013, o monitoramento técnico das desovas de tartaruga e tracajá no médio e alto Ituí. Iniciativa que se consistiu no primeiro estudo dessa natureza na região.

Os conhecimentos adquiridos durante esse monitoramento foram fundamentais para o entendimento da situação das populações dessas espécies e para a assessoria no planejamento e implementação de ações mais sistemáticas de manejo e conservação, a partir de 2019. Assim, em maio/junho e agosto/setembro de 2019, o CTI, em parceria com a Organização das Aldeias Marubo do Rio Ituí (OAMI) e a União dos Povos Indígenas do Vale do Javari (UNIVAJA), desenvolveram ações realizadas em conjunto com os agentes ambientais indígenas (AAIs) em formação. O objetivo dessas atividades foi discutir e diagnosticar as vulnerabilidades e ameaças às tartarugas e tracajás no rio Ituí, para planejar a implementação de novas estratégias de manejo e a consolidação de um acordo de uso entre todas as aldeias Marubo do rio Ituí para a conservação dos seus bichos de casco.

Este livro apresenta parte desse processo, as iniciativas, os conhecimentos e as informações que envolveram as discussões que originaram um acordo com novas estratégias de manejo dos bichos de casco no rio Ituí. Esta publicação é dirigida aos Marubo, bem como aos demais povos da TI Vale do Javari e outros povos que se encontrem preocupados com a sustentabilidade desses animais tão integrados à cultura alimentar dos povos amazônicos.

Os Marubo e seu território



Linhann Christley/Acervo CTI

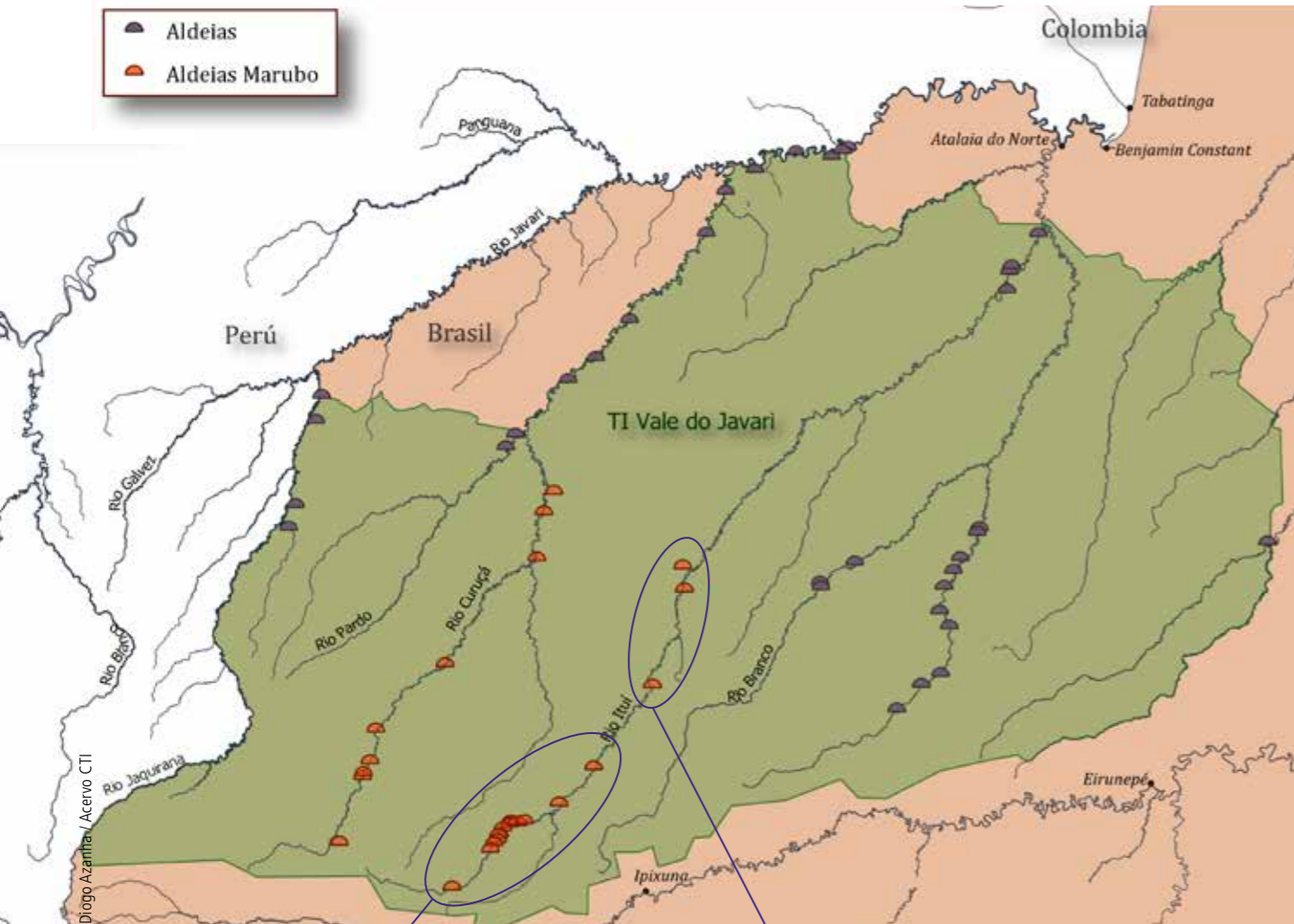
O povo Marubo

Apesar de serem conhecidos como Marubo, esta não é uma autodenominação desse povo, sendo o termo Yora usado por eles nesse sentido em algumas situações, podendo também ser usado para designar todos os indígenas quando em oposição aos *nawa*, os não-indígenas².

O povo Marubo, como conhecemos hoje, é formado por um conjunto de subgrupos locais, sobreviventes do “holocausto” ocorrido na época da borracha e de guerras intertribais, unificados através de um processo liderado pelo lendário João Tuxaua, considerado o “criador-transformador” dos Marubo num processo que se iniciou após os anos de 1940³. Pertencentes à família linguística Pano, os Marubo possuem uma população de 1.898 pessoas habitando a TI Vale do Javari⁴. Suas aldeias, constituídas por um número bastante variável de malocas, localizam-se nos cursos médio e alto dos rios Ituí (17 aldeias) e Curuçá (9 aldeias), afluentes de segunda e primeira ordem do rio Javari, respectivamente. Além disso, atualmente há uma população de cerca de 300 Marubo que vivem na sede urbana do município de Atalaia do Norte – AM⁵ e pelo menos 72 vivendo nas cidades de Cruzeiro do Sul – AC e na sua vizinha Guajará – AM⁶.

Homens Marubo durante a festa do Ako na aldeia São Joaquim

A TI Vale do Javari com a localização das aldeias Marubo



Aldeias Marubo no alto rio Ituí

Penteaquinho	Carneiro
São José	Fazenda
Alegria	Nazaré
Sumaúma	Paraná
Praia	Maloca do Paulinho
Vida Nova	Pakavanawai
Liberdade	Kapivanawai

Aldeias Marubo no médio rio Ituí

São Joaquim
Rio Novo
Boa Vista

Existem registros históricos que demonstram a participação dos Marubo no sistema de exploração da seringa e do caucho desde os anos de 1906, mas com a queda do sistema de exploração da borracha no início do século XX, estes pararam de ter contato com os *nawa*. Somente a partir do início dos anos de 1950 que os Marubo começaram a aparecer novamente, dessa vez na confluência do rio Juruá com o rio Ipi-xuna, nas proximidades do seringal Boa Fé. A partir de então, são novamente assediados por patrões da borracha e agora também por missionários da Missão Novas Tribos do Brasil (MNTB). Os Marubo reiniciam então o fornecimento de borracha e de peles de animais silvestres para os seus novos patrões e em 1952 acabam sendo contatados pelos missionários da MNTB. É nessa década também que os Marubo têm contato com um funcionário do extinto Serviço de Proteção ao Índio (SPI), mas que não manteve continuidade. Posteriormente, os Marubo iniciam sua participação na exploração madeireira, negociando com regatões que começavam a subir o curso dos rios Ituí e Curuçá. É somente nos anos iniciais da década de 1970, após sua chegada na região do alto Solimões, que a Fundação Nacional do Índio (Funai) inicia então uma relação contínua com esse povo.⁷

Por conta desse histórico, os Marubo são o povo da TI Vale do Javari com mais tempo de contato com a sociedade do entorno, o que os levou para uma posição proeminente no movimento indígena que começou a se organizar no final da década de 1980, se configurando como um importante agente político local entre os povos indígena dessa região.⁸

A Terra Indígena Vale do Javari

“A Terra está demarcada e precisamos nos reunir para fazer o manejo do território.”

(Aldeney Vôpa Marubo, professor da aldeia Rio Novo)



Aldeia Marubo do Rio Novo

A Terra Indígena Vale do Javari localiza-se no oeste do estado do Amazonas, na fronteira com o Peru. É uma extensa área de florestas que abriga rica biodiversidade, entremeada pelos rios Javari, Jaquirana, Curuçá, Ituí, Itacoaí, Quixito e pelo alto curso dos rios Jutaí e Jandiatuba, ocupando o interflúvio entre o rio Javari e o rio Juruá.

Com 8,5 milhões de hectares, a TI Vale do Javari é a segunda maior Terra Indígena do Brasil, tendo sido demarcada no ano de 2000 e homologada em 2001. Possui uma população total de 6.199 pessoas⁹ distribuídas em 59 aldeias, onde vivem os povos Matsés (Mayoruna), Marubo, Matis e Kulina (família linguística Pano) e Kanamari (família linguística Katukina), além de dois grupos indígenas de recente contato, os Korubo (Pano) e os Tyohom-dyapa (Katukina). A TI Vale do Javari abriga também a maior concentração de povos indígenas isolados do mundo.

Apesar de sua localização distante e relativamente isolada, a TI Vale do Javari sofreu todas as dinâmicas do processo histórico de ocupação da região, marcados pela extração da borracha, madeira e peles de animais silvestres. Atividades que impactaram a vida e os recursos naturais dos povos indígenas dessa região.

O rio Ituí



Pedro Cuba / Acervo CTI

O rio Ituí

O Ituí é um rio amazônico de água branca, com mais de 800 km de extensão e afluente de segunda ordem do rio Javari. É habitado por dois povos: os Marubo, no seu médio e alto curso, distribuídos em 17 aldeias e com sua população estimada em 1.159 pessoas; e os Korubo, de recente contato, no seu médio e baixo curso, distribuídos em cinco aldeias, com uma população de 125 pessoas¹⁰. A maioria das aldeias



Liziam Christley / Acervo CTI

Mulheres Marubo durante a festa do Ako na aldeia São Joaquim

Marubo está situada no seu alto curso, com apenas as comunidades Rio Novo, São Joaquim e Boa Vista pertencendo a região do médio Ituí. Quatro das aldeias Korubo se localizam no baixo curso desse rio, constituída pelos Korubo com mais tempo de contato. Um grupo de Korubo que possui contato intermitente com a Funai desde março de 2019, se localiza no rio Coari, um afluente do médio Ituí.

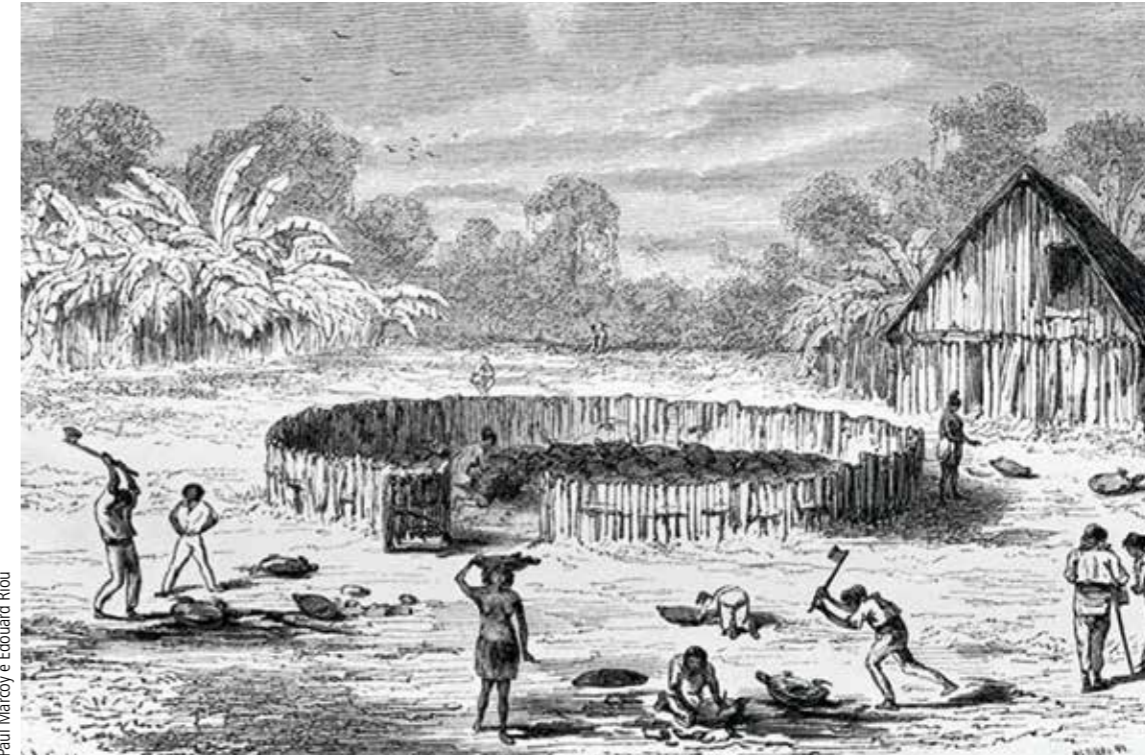
Até 2013, o médio Ituí também tinha sido moradia de pouco mais de 300 Matis que haviam ocupado essa área por mais de três décadas, quando então se mudaram para outro afluente do rio Itaquaiá, o rio Branco. Até o momento de sua mudança, o rio Ituí era o mais populoso rio da TI Vale do Javari, concentrando 23% da população total dessa Terra Indígena.



Alto Ituí em frente a aldeia Liberdade

Hilton S. Nascimento / Acervo CTI

A exploração dos bichos de casco do rio Ituí pelos não indígenas



Paul Marcoy e Edouard Riou

Curral utilizado para manutenção de tartarugas capturadas, prática comum em toda a Amazônia no século XIX

No alto Solimões, o histórico de exploração dos bichos de casco vem desde o século XVII, quando os missionários jesuítas se instalaram na região e alegavam “que às vezes não há carne fresca em Tabatinga por muitos meses”¹¹. No século XIX, após o início da navegação a vapor pelo rio Solimões, a manteiga de tartaruga era um dos principais produtos exportados pela região. Apesar de reconhecidamente abundante desde 1820, a captura de bichos de casco no rio Javari e afluentes era evitada pelo medo das “doenças malignas ali reinantes e da crueldade dos seus habitantes”¹².

Com o início do ciclo da borracha e a ocupação da área por não indígenas, que resultaria na formação em 1880 do povoado que daria origem à cidade de Atalaia do Norte, a exploração dos recursos naturais do território dos povos indígenas do vale do rio Javari começa a ocorrer de forma mais sistemática. Devido à exploração da madeira a partir da década de 1940, o consumo de bichos de casco e seus ovos se intensificou, impulsionado pelas levadas de turmas de madeireiros que invadiam os territórios indígenas da região.



Algot Lange

Seringueiro retirando ovos de tracajá na região do vale do Javari em 1910

A partir dos anos de 1980, os Marubo habitantes do rio Curuçá já começavam a reclamar da passagem pelo seu território, durante o verão, de não indígenas (trabalhadores da Funai em sua maioria) para a coleta de ovos de bichos de casco, os quais seriam comercializados nas cidades da região¹³. Contando com o apoio dos próprios Marubo do alto Ituí, o regatão Raimundo Cabral levou em uma única viagem, em 1985, 20 mil ovos de bichos de casco¹⁴. Em 1995, três barcos pesqueiros no rio Curuçá carregaram uma carga estimada em pelo menos 200 tracajás¹⁵.

A partir de 1996, a Funai, através do seu então Departamento de Índios Isolados, estabeleceu um posto de vigilância na confluência dos rios Ituí e Itacoaí, hoje conhecido como Base de Proteção Etnoambiental (BAPE) Ituí-Itacoaí, controlando a entrada de pessoas não autorizadas nesses dois rios, bem como impedindo a retirada de recursos naturais dessa Terra Indígena. Era o início da proteção dos recursos naturais dessa área explorada intensivamente por décadas.

A grave situação da exploração dos recursos naturais da TI Vale do Javari, principalmente dos seus bichos de casco, foi descrita em 1997 pelo padre Joseney Lira, então coordenador da Pastoral Indigenista da diocese do Alto Solimões¹⁶:

“Acho que em todos os rios, só escapam essas covas que surgem por ocasião das chuvas. Então é uma área que está muito depredada e que merece realmente uma atenção especial do IBAMA no sentido até de escolher algumas praias para a reprodução, por que senão vai acabar tudo. O que ainda está salvando, são os tracajás que os próprios índios tão preservando ali nos rios Arrojo e Curuçá. Já essa área aqui da foz do rio Pardo para baixo está toda remexida. A mesma coisa aconteceu no Ituí e Itacoai com os caçadores e pescadores regionais. Agora com a Frente de Contato da FUNAI (FPEVJ)¹⁷, a gente espera que haja uma recuperação boa dessas áreas.”

Com a efetivação da demarcação da Terra indígena Vale do Javari no ano 2000 e início das medidas oficiais do governo de proteção da área, a exploração desses recursos diminuíram, mas a partir de 2013 a situação de invasão tem voltado a uma situação similar aos padrões anteriores ao período da demarcação. Desde então, tem sido recorrente as falas dos Marubo de que pescadores invasores têm chegado até as primeiras aldeias Marubo no médio Ituí. Em 2013, os Marubo encontraram nessa área um curral feito pelos invasores, onde eram mantidos 400 tracajás que esperavam para serem embarcados para o comércio nas cidades da região. Nesse mesmo ano, um dos pesquisadores ambientais Marubo afirmou ter visto tracajás à venda em uma casa na cidade de Atalaia do Norte, onde também encontrou 10 paneiros com ovos.

Em outra casa, na cidade de Benjamin Constant, o mesmo indígena viu outros 50 paneiros com ovos de bichos de casco, os quais seriam provenientes do rio Ituí.

Tal situação tem sido recorrente por toda a TI Vale do Javari, como descreveu Clóvis Inõpa Marubo, da aldeia São Sebastião no rio Curuçá¹⁸:

“Há anos que a área é invadida para a prática de pesca e caça ilegal de tracajás, tartarugas e outros animais silvestres, além da coleta de ovos de quelônios, muito apreciados pela população da região.”



Arquivo FPEVI-FUNAI

Apreensão de bichos de casco pela Funai em agosto de 2018

Em setembro de 2018, em uma ação de fiscalização realizada nos rios Ituí e Itacoaí, foram apreendidos em uma única canoa 389 tracajás e 8 tartarugas¹⁹.

A dimensão do retorno a uma exploração extremamente predatória aos bichos de casco da TI Vale do Javari, agora muito mais focada nos tracajás, foi muito bem resumida em 2018 na fala de uma liderança Kanamari, morador do rio Itacoaí, rio do qual o Ituí é um afluente:

“Só para tu ver, pergunta de qualquer um, tem muito tracajá na cidade. Hoje quando tem aniversário, só tem tracajá. Quando o pessoal bebe é tracajá. Aqui na cidade de Atalaia está cheio de tracajá. Tira da onde? Do Itacoaí, do Ituí.”

A grande demanda para abastecer o mercado de venda ilegal de bichos de casco nas cidades do entorno é considerada por muitos pesquisadores como o principal risco para a manutenção da população dessas espécies em várias regiões da Amazônia.

Os Marubo e os bichos de casco



Ovos de bichos de casco são um recurso muito apreciado pelos Marubo, com os períodos de desovas funcionando como marcadores de estação, onde os meses de junho e julho são conhecidos como *tãko vatxi aka shavá* – tempo de pegar ovos de tracajá – e os meses de agosto e setembro como *shawêwã atxi aka shavá* – tempo de pegar tartaruga.

Durante o período reprodutivo desses animais, seus ovos estão presentes em várias refeições, principalmente no médio Ituí, onde ainda existe certa fartura desse recurso. Os ovos podem ser o item central dos almoços coletivos, importante atividade de socialização – em suma, quando alguma maloca com abundância de alimentos ricos em proteína convida os moradores de malocas próximas para se alimentarem juntos. Estão presentes também nas refeições dos Marubo que se deslocam pelo rio Ituí com destino à cidade de Atalaia do Norte ou mesmo sendo parte dos alimentos levados para manterem-se nessa cidade. Podem ser também um valorizado presente alimentar, muitas vezes enviado por intermédio de outros, para os parentes que se encontram distantes. Mas o seu momento máximo de consumo é a tradicional *Shawê Vatxi Piá*, Festa dos Ovos de Tartaruga.

“Antes tinha muito” – a diminuição dos bichos de casco no rio Ituí

Walmir Aço Marubo / Acervo CTI



“Aqui no rio Ituí tinham muitos tracajás. Em 1965 até no alto Ituí tinha muito tracajá. Agora tem pouco.”

(Paulo Paiva Txano Marubo, professor da aldeia Paraná)

Vários Marubo moradores das aldeias do rio Ituí afirmam que antes havia muitos bichos de casco nesse rio e que agora estão diminuindo. A região do médio Ituí é a única área aonde esse recurso ainda é abundante neste rio.

No seu baixo curso, as constantes invasões de pescadores e caçadores em busca de tartarugas e tracajás para atender a intensa demanda por esse animal nas cidades de Atalaia do Norte, Benjamin Constant e Tabatinga, provocaram uma forte redução em sua população, principalmente no caso das tartarugas. Tal situação tem resultado inclusive em uma disputa por esses recursos entre os Korubo de recente contato e os Marubo.



sem autoria / Acervo CTI

No alto Ituí, a situação dos bichos de casco piorou muito na última década, apesar de nunca terem sido muito abundantes²⁰ na região em função de ser um ambiente de cabeceira, com o leito do rio mais estreito e poucas praias para reprodução.

“O nosso medo é que nossos filhos, netos, já não vão conhecer uma tartaruga.”

(Benedito Texana Pei Marubo, professor da aldeia Vida Nova)

Os Marubo do alto Ituí afirmam que a diminuição na quantidade de desovas de bichos de casco começou a acontecer após os anos de 1990, se intensificando nos últimos 10 a 15 anos. Alguns Marubo mais velhos, moradores dessa área, dizem se lembrar de desovas encontradas em praias da região

entre os anos de 1985 e 1989, depois disso não encontraram mais. Vários pesquisadores e professores Marubo na faixa etária dos 30 anos de idade dizem se lembrar de pegar ovos nas praias do alto Ituí quando eram crianças, justamente no final da década de 1990 e início dos anos 2000.



Paulo Marubo / Acervo CTI

O processo de sedentarização sofrido pelos Marubo no alto Ituí, após o contato permanente com a sociedade nacional e a presença dos missionários da MNTB, somado com o seu crescimento populacional, levou a uma pressão sobre os recursos naturais dessa região, a qual provocou o esgotamento de muitos deles. Com uma população de quase 900 pessoas, distribuídas em 13 aldeias dispersas em sua grande maioria em um raio de menos de 11 km a partir da aldeia matriz de Vida Nova, o alto Ituí *“está igual a cidade”*, de acordo com as palavras dos próprios Marubo.

“Nós professores orientamos os nossos alunos, mas hoje em dia os jovens não respeitam as praias, e jogam lixo como plástico e óleo queimado. Por isso que o tracajá e a tartaruga vão embora para o médio botar ovos para lá, na praia grande.”

(Walmir Ako Marubo, professor da aldeia Maloca do Paulinho)

O intenso fluxo causado pelo deslocamento dos Marubo entre aldeias próximas, realizado com o uso de motores rabeta, se tornou comum a partir dos anos de 1995 e tem sido apontado pelos Marubo como um dos responsáveis pelo desaparecimento dos bichos de casco dessa área:

“Agora todo mundo acostumou andar de motor. Ninguém viaja de remo. Os nossos avós sim, até mesmo meu pai, viajavam de remo. Mas agora sem gasolina e sem motor, ninguém vai para lugar nenhum. Agora tem muito motor. (...) O motor faz muito barulho mesmo, os bichos ficam mais longe. (...) Assim que os bichos fugiram desse rio, estão morando para dentro dos igarapés. Nós também antes morávamos dentro do igarapé. Mas agora todo mundo mora na beira do rio porque fica mais fácil de andar.”

(André Sina Marubo, professor da aldeia Maloca do Paulinho)

Diante dessa situação, algumas poucas famílias se mudaram para o médio Ituí, fundando novas aldeias. Para os que ficaram no alto Ituí, a discussão sobre novas formas de manejo dos recursos naturais é um dos assuntos do momento.

Shakayavo: o conhecimento Marubo sobre os bichos de casco

Shakayavo é o nome que os Marubo dão aos bichos de casco aquáticos que vivem nos rios, igarapés e poças d'água do seu território. Os pesquisadores *nawa* (não indígenas) chamam esses animais de quelônios. Para esses pesquisadores *nawa*, quelônio é o grupo de animais que possui casco e põe ovos, por isso os *nawa* consideram também os *shawe*, jabutis terrestres, como quelônios, diferentemente dos Marubo. Alguns desses animais vivem na água doce dos rios e igarapés, como os *shakayavo* do território Marubo; outros vivem na água salgada do mar, como as tartarugas marinhas; outros ainda vivem na terra, como os jabutis.

Diferentemente dos *nawa* que agrupam os bichos de casco e os jabutis em um único grupo, formando o grupo dos quelônios, os Marubo separam esses animais em dois grupos distintos: os *shakayavo* e os *shawe*. De acordo com a forma de classificação tradicional Marubo, os *shakayavo* (bichos de casco) fazem parte da categoria dos *ēne á yoini*, que são os animais da água; já os *shawe* (jabutis terrestres) fazem parte da categoria dos *maĩ a yoini*, que são os animais da terra. Essas categorias, junto com as categorias *keya a yoini*, que são os animais da copa das árvores e *yoini peiya*, que são os animais com pena, constituem a grande categoria dos *yoinavorasĩ*, correspondente de certa forma à categoria que os *nawa* chamam de "animais vertebrados".

Yoinavorasĩ Animais

Maĩ a yoini
Animais da terra



Keya a yoini
Animais da copa das árvores



Yoini peiya
Animais de pena



Ene á yoini
Animais da água



Os *shakayavo*/bichos de casco presentes no território dos Marubo do rio Ituí

“O tracajá é um animal que tem casco e bota ovos na praia. Nos outros rios é diferente, aqui no Vale do Javari é diferente. Os tracajás não botam ovos na praia em qualquer mês. Começa no mês de junho e até 25 de julho terminam de botar ovos na praia. Os ovos de tracajá a gente gosta de comer, mas a mulher grávida não come esses ovos. Quando terminam de botar os ovos, as pessoas vão atrás para tirar os ovos e fazer a festa dos ovos. Os Marubo fazem assim. Eu acho que os outros povos não fazem assim. Mas aqui no rio Ituí tinham muitos tracajás. Em 1965, até no alto Ituí tinha muito tracajá. Agora tem pouco tracajá, mas ainda dá para comer, é muito bom comer ovos de tracajá. Isso que acontece.”

(Paulo Paixa Txano Marubo, professor da aldeia Paraná)

Os Marubo reconhecem a existência de pelo menos cinco bichos de casco em seu território no rio Ituí: tartaruga-da-amazônia, tracajá, pitiú, matamatá e jabuti machado²¹.

SHAKAYAVO | BICHOS DE CASCO

Hilton S. Nascimento / Acervo CTI



SHAWËWÃ | tartaruga-da-amazônia

Podocnemis expansa (nome científico)

Consomem

ONDE VIVEM Rios, igarapés, lagos de água doce e florestas alagadas.

REPRODUÇÃO Desovam uma média de 100 ovos, os quais possuem um período de incubação de 45 a 55 dias. O período reprodutivo varia de acordo com a localidade, sendo controlado pelo nível da água dos rios. Na TI Vale do Javari esse período vai de agosto a setembro. A maturidade sexual pode ser atingida após 10 a 15 anos.

TAMANHO E PESO É o maior bicho de casco de água doce na América do Sul, com o tamanho da carapaça das fêmeas variando de 40 a 109 cm e podendo pesar de 15 a 90 kg. Os machos são um pouco menores que as fêmeas.

HÁBITOS ALIMENTARES É uma espécie herbívora, consumindo normalmente sementes, frutos, folhas e talos, podendo também ingerir, mais raramente, moluscos e ossos de peixes.

COMENTÁRIOS É uma das espécies de bichos de casco mais ameaçadas devido à coleta excessiva de ovos e adultos para consumo e venda desde o período colonial.

Fonte:
Vogt, 2008;
Ferrara et al., 2017.

**TÃKO | tracajá***Podocnemis unifilis* (nome científico)

Consumem

ONDE VIVEM Rios, igarapés, lagos e florestas inundadas.

REPRODUÇÃO O início da desova está associado ao ciclo hidrológico de cada região e depende da diminuição do nível da água. Na TI Vale do Javari, o período reprodutivo vai de junho a agosto, com uma média de 26 ovos por ninho, segundo estudo realizado no rio Ituí. O período de incubação varia de 45 a 70 dias.

TAMANHO E PESO Quando adultos, possuem o tamanho da carapaça de 25 a 50 cm, podendo pesar até 11 kg. Os machos são menores do que as fêmeas.

HÁBITOS ALIMENTARES Quando jovens, se alimentam de frutas, algas e plantas; quando adultos, podem se alimentar também, em menor quantidade, de pequenos peixes capturados vivos, carcaças de peixes maiores em putrefação, insetos e caranguejos.

COMENTÁRIOS É umas das espécies de bichos de casco mais comum na Amazônia e, por isso mesmo, uma das espécies mais consumidas nessa região, sendo a ampla e intensa exploração dos seus ovos e dos adultos uma das principais ameaças às suas populações.

Fonte:
Vogt, 2008;
Ferrara et al., 2017.

**VARI NESHO | pitiú***Podocnemis sextuberculata* (nome científico)

Consumem

ONDE VIVEM Rios, lagos e várzeas de água branca e água clara da Amazônia.

REPRODUÇÃO Colocam de 6 a 25 ovos por ninho. Em rio de água branca, como o Ituí, são as primeiras fêmeas de bicho de casco a desovar, seguidas pelos tracajás e mais tarde pelas tartarugas. Seu período de desova varia geograficamente, sendo que na TI Vale do Javari sua desova ocorre do final de junho até setembro. Sua incubação dura em média 57 dias.

TAMANHO E PESO É uma espécie pequena, chegando a medir 35 cm e a pesar 3,5 kg. As fêmeas são maiores que os machos.

HÁBITOS ALIMENTARES Preferencialmente se alimentam de sementes, folhas, frutos, plantas aquáticas, caramujos, pequenos peixes e invertebrados.

COMENTÁRIOS Os filhotes se distinguem dos outros bichos de casco por possuir seis tubérculos proeminentes no plastrão, que desaparecem quando viram adulto.

Fonte:
Vogt, 2008;
Ferrara et al., 2017.

**KOSHÃ SHAWE | matamatá***Chelus fimbriata* (nome científico)

Só os pajés consomem

ONDE VIVEM Águas calmas, geralmente turvas e com pouca profundidade em igarapés, igapós e margens de lagos de águas brancas e águas pretas. Pode ser encontrado também à beira d'água enterrado na lama.

REPRODUÇÃO Põem de 12 a 28 ovos por ninho ao longo da borda da floresta, próximo aos lagos ou igarapés onde vivem. Seu período de desova varia ao longo da bacia amazônica, ocorrendo de junho a julho em Rondônia e de outubro a dezembro na Colômbia. Sua incubação dura cerca de 200 dias.

TAMANHO E PESO Quando adulto pode chegar a 50 cm e a pesar até 15 kg.

HÁBITOS ALIMENTARES Comem preferencialmente peixes, rãs e insetos aquáticos, sendo um dos poucos bichos de casco completamente carnívoros.

COMENTÁRIOS Quando ameaçados, exalam um cheiro desagradável como mecanismo de defesa e, em caso de estresse persistente, regurgitam parcialmente o seu conteúdo estomacal. É uma espécie pouco consumida na Amazônia.

Fonte:
Vogt, 2008;
Ferrara et al., 2017.

**NESA | jabuti machado***Platemys platycephala* (nome científico)

Consumem

ONDE VIVEM Poças temporárias rasas na floresta formadas pela chuva, pântanos e biritizais. No verão, quando essas poças secam, ficam embaixo das folhas no chão da floresta ou embaixo de troncos caídos.

REPRODUÇÃO Geralmente colocam apenas um ovo grande e a nidificação ocorre entre agosto e fevereiro na Colômbia. O ovo é depositado na superfície do solo, sendo coberto com folhas e a incubação durando entorno de cinco meses.

TAMANHO E PESO Quando adultos, podem chegar a 18 cm e pesar 2 kg, com os machos sendo maiores.

HÁBITOS ALIMENTARES Se alimentam de girinos, ovos de sapos, insetos aquáticos, pequenos peixes, caranguejos, camarões e outros invertebrados aquáticos que encontram nas poças.

COMENTÁRIOS Essa espécie é pouco encontrada na região e não é utilizada como alimento pelos Marubo.

Fonte:
Vogt, 2008;
Ferrara et al., 2017.

Para os estudos que originaram esse material, os Marubo definiram ações voltadas à conservação e uso sustentável das duas espécies com maior consumo entre eles e entre os não indígenas da região: a tartaruga-da-amazônia e o tracajá.



Filhote recém-nascido de tracajá

Saberes tradicionais: os indicadores naturais da época de desova dos bichos de casco

Quando o céu está limpo e pela madrugada se ouve o trovejar de relâmpagos, condição que os Marubo chamam de *kama veriki*, isso indica que as tartarugas estão subindo as praias para desovar. Quando a formação de nuvem conhecida como *shawẽwã maspo* aparece no céu, isso também indica que as tartarugas irão desovar. A floração de seis árvores conhecidas como *wakiwã*, *ite*, *nawe txio*, *txishã*, *chio koati* e *ani* são outros indicadores naturais da época da desova das tartarugas.

Existem também indicadores para o período de nascimento dos filhotes de bicho de casco. Quando o pássaro *machi tiro* canta, este indica que os filhotes de tartarugas estão nascendo. Já quando as flores do pé de *ite* secam e caem, este indica que os filhotes de tracajá já estão para sair dos ninhos.

Esse conhecimento dos indicadores naturais do início do processo reprodutivo desses animais são saberes importantes que orientam as técnicas de manejo tradicional Marubo.

A proteção dos bichos de casco: novas formas de manejo entre os Marubo do Ituí



A percepção da diminuição das populações dos bichos de casco na região do Vale do Javari, principalmente da tartaruga e do tracajá, recursos muito importantes para o consumo de vários povos, tem provocado novas iniciativas de proteção desses animais por parte de várias comunidades tradicionais e povos indígenas. Tais medidas envolvem ações que são tomadas em resposta à ausência de políticas governamentais efetivas de gestão ambiental, sendo na maior parte das vezes realizadas com o apoio de entidades parceiras, universidades ou mesmo com algumas instituições de governo.

Programas de proteção e manejo de quelônios vêm sendo desenvolvidos em muitos lugares da Amazônia brasileira e peruana desde os anos de 1970. Hoje em dia muitos povos indígenas vêm se organizando para disciplinar a exploração da sua fauna silvestre em áreas de uso coletivo, por meio de acordos formais, principalmente após se depararem com as novas realidades ambientais de confinamento territorial, crescimento populacional e sedentarização.

Essas comunidades acabam assumindo a responsabilidade pela gestão dos seus recursos naturais, desenvolvendo sistemas de manejo independentes da participação do governo e fora do sistema formal de gestão. Esse é o caso dos Marubo do rio Ituí.

O manejo tradicional Marubo

“No passado somente os mais velhos, com mais de 30 anos, podiam comer ovos de bichos de casco. Os jovens comiam carne de queixada, caititu e anta moqueada, evitando assim o risco de ficarem cegos. As mulheres mais novas e as grávidas também não podiam comer ovos de tracajá, pois isso poderia dificultar o parto. Bebês que consumissem esse alimento poderiam ficar com tosse.”



Pedro Cuba / Acervo CTI

Paneiros com ovos de bichos de casco para a Festa dos Ovos de Tartaruga em 2019

As restrições alimentares

Os Marubo têm um conjunto de restrições alimentares em relação aos ovos de bichos de casco e essas restrições fazem parte do modo tradicional de manejo desse recurso. Após o contato com os *nawa*, essa forma de manejo tradicional não vem sendo muito respeitada pelos mais jovens.

De acordo com a pesquisa realizada pelo professor Walmir Ako:

Os cuidados e o consumo restritivo dos ovos, expressos por um conjunto de regras de “respeito”, de resguardo alimentar direcionado à saúde e bem estar do povo Marubo, sem dúvida restringia o consumo dos ovos para grande parte da população Marubo. Essa estratégia contribuía para a conservação e reprodução dos quelônios na região, garantindo uma oferta satisfatória desse recurso.



Pedro Cuba / Acervo CTI

Coleta de ovos de bichos de casco para a Festa dos Ovos de Tartaruga em 2019

Shawë Watxi Piá²²: a Festa dos Ovos de Tartaruga

“Antigamente, na época de 1975, tinha muita Festa dos Ovos, mas não se pegavam as tartarugas, pegavam só os ovos, mas hoje em dia os jovens não respeitam mais isso. Eles pegam tudo. Ovo, tartaruga, tracajá. Isso faz diminuir muito os ovos. Tem criança que mora na aldeia Vida Nova que não conhece mais ovo de tartaruga e tracajá.”

(Aldeney Võpa Marubo, professor aldeia Rio Novo)



Homens e mulheres Marubo dançando dentro da maloca durante a Festa dos Ovos de Tartaruga realizada na aldeia Vida Nova em 2019

Outra forma de relação tradicional dos Marubo com os bichos de casco é a Festa dos Ovos de Tartaruga, conhecida como *Shawë Vatxi Piá*. Tradicionalmente, o consumo amplo dos ovos de bichos de casco entre os Marubo era realizado somente durante uma atividade coletiva e tradicional, a Festa dos Ovos de Tartaruga.

Com o passar do tempo e a convivência com a sociedade de entorno, o modo de viver dos Marubo foi se modificando e, da mesma forma, a relação com os recursos naturais de seu território também se modificou ao longo das gerações. O acesso aos motores permitiu um deslocamento mais rápido pelo rio, facilitando e intensificando, portanto, a retirada de desovas de bichos de casco nas praias às suas margens.

De acordo com Cristiano Samo Vinã, da aldeia Vida Nova, a tradição da Festa dos Ovos de Tartaruga começou nos anos 60, na cabeceira do igarapé Pakaya (Água Branca), local onde foram fundadas as primeiras aldeias Marubo no rio Ituí. Foi para lá que alguns Marubo da aldeia Maronal, no rio Curucá, ao serem informados pela velha Shetã que nesse afluente do Ituí havia muitos ovos de bichos de casco, se mudaram e iniciaram a tradição de fazer a Festa dos Ovos de Tartaruga. Esta tradição se mantém até hoje e reúne moradores de várias comunidades em uma única aldeia anfitriã.

Conforme pesquisas realizadas por Walmir Ako, da aldeia Maloca do Paulinho, na época dessa festa os caciques primeiro chamavam cada uma das aldeias e avisavam para não mexer nas praias de onde iriam retirar os ovos para a festa, “fechando” as praias e todos respeitavam. Os ovos eram

então retirados nos meses de junho, julho, agosto e setembro, podendo ser retirados até 14 painéis de ovos, que eram cozidos em grandes panelas de barro. A festa é realizada no mês de setembro e dura cerca de cinco dias.



Consumo de ovos de bicho de casco durante a Festa dos Ovos de Tartaruga na aldeia Vida Nova em 2019

Entre 2009 e 2012, a Festa dos Ovos de Tartaruga não foi realizada, com a última festa ocorrendo em 2008 na aldeia Rio Novo. Em 2013, após quatro anos sem ser organizada, a Festa dos Ovos de Tartaruga foi novamente celebrada na aldeia Boa Vista. Em 2014 foi realizada na aldeia Alegria; em 2015 na aldeia Rio Novo; em 2016 na aldeia Maloca do Paulinho e em 2017 e 2018 novamente a festa não aconteceu. Em 2019, a Festa de Ovos de Tartaruga foi realizada na aldeia Vida Nova, contando com a coleta de 14 painéis de ovos de tartaruga e 4 painéis de ovos de tracajá coletados no médio Ituí, o que daria uma estimativa de 18 mil ovos de tartaruga e 4 mil ovos de tracajá.

A *Shawë Vatxi Piá* é o ritual Marubó que ilustra a dimensão da importância cultural e social desse recurso para esse povo. Sua importância e relação com o manejo desse recurso natural é tão importante que os Marubó decidiram que as reuniões de avaliação do seu acordo de manejo dos bichos de casco será realizada sempre após o término dessa festa, como foi feito em 2019, quando elaboraram pela primeira vez um acordo para o cuidado e proteção dos *shakayavo*.

Cuidando das praias com desovas

“Nós mesmos fizemos manejo de tracajá. Nós organizamos e reunimos a nossa comunidade. As crianças e os jovens estão aprendendo estas novas práticas de manejo.”

(Aldeney Võpa Marubo, professor da aldeia Rio Novo)



Hilton S. Nascimento / Acervo CTI

Praia do médio rio Ituí utilizada para desova pelos bichos de casco.

Após o retorno de uma viagem de intercâmbio para o Acre, em 2006, com apoio do CTI, na qual oito Marubo conheceram o trabalho dos agentes agroflorestais indígenas desse estado, Aldeney Võpa inicia uma discussão junto à sua comunidade, Rio Novo, sobre como lidar com a crescente diminuição dos bichos de casco no rio Ituí.



Reinaldo Venâpa - Marubo / Acervo CTI

Proteção dos ninhos em 2011 para a captura e transferência dos filhotes para os açudes

Em 2012 não houve proteção das praias com desovas, tornando aberto o consumo dos ovos de bicho de casco. A proteção das desovas do médio Ituí foi retomada novamente em 2013, em conjunto com o trabalho de monitoramento técnico²³ por parte de pesquisadores ambientais Marubo em formação na época.

A prática de “fechar” o rio para proteger os ovos de bichos de casco é uma prática antiga associada à Festa dos Ovos de Tartaruga, sendo esta ação importante para que todos possam comer juntos os ovos dos bichos de casco durante a festa. Quando algumas praias foram isoladas para proteger a reprodução desses animais, sem que essa prática viesse acompanhada do consumo coletivo de seus ovos, naturalmente causou incômodo, levando à desconfiança e suspeita de sovínice dos que “fechavam as praias”. A adaptação de antigas práticas às novas formas de manejo dos recursos naturais de seu território ainda é um processo em entendimento entre os Marubo.



Abertura de ninho de bicho de casco em 2011 para verificação dos filhotes que nasceram

Nessas praias protegidas pelos Marubo foram colocadas placas com avisos, pedindo aos visitantes que não mexessem nas covas. Também foram feitas expedições nesses locais para vigiar os ninhos e verificar se permaneciam intactos ou se os ovos haviam sido retirados. Esse movimento de proteção das praias, iniciado pela aldeia Rio Novo, no médio Ituí, conseguiu posteriormente o apoio e participação das outras aldeias também do médio Ituí: São Joaquim e Boa Vista.

Essa experiência inicial provocou o começo da discussão e reflexão entre os Marubo sobre o futuro dos bichos de casco ao longo do rio Ituí.



Adilson Mayãpa da aldeia Rio Novo colocando placas para proteção das covas de bichos de casco em 2013

A partir de 2013, os próprios Korubo do baixo Ituí, povo de recente contato, começaram a proteger as praias com desovas próximas às suas aldeias para evitar que esse recurso fosse consumido pelos Marubo em deslocamento entre as aldeias do médio e alto Ituí e a cidade de Atalaia do Norte.

Nos últimos anos, algumas aldeias do médio Ituí, como Rio Novo e Penteaquinho, também estão começando a proteger alguns lagos, que são importantes locais de alimentação dos tracajás, garantindo assim os seus locais naturais de alimentação e crescimento. Proteger e cuidar dos bichos de casco nos seus próprios ambientes naturais é a melhor forma de manejá-los. Essa experiência dos Marubo soma-se hoje à outros locais da Amazônia brasileira com mais de 10 anos de proteção das praias de reprodução dos bichos de casco, as quais comprovadamente vêm apresentando um incremento considerável na população desses animais e contribuindo para o uso sustentável desses recursos naturais.



Placas de sinalização para proteção das praias com desovas, elaboradas pelos agentes ambientais Marubo durante a oficina de capacitação

Liriani Chrisley e Pedro Cuba / Acervo CTI

A criação de bichos de casco em açudes



Hilton S. Nascimento / Acervo CTI

Açude do Arnaldo Mashêpapa na aldeia rio Novo, primeiro açude construído na TI Vale do Javari

A criação de animais aquáticos em açudes começou no rio Ituí em 2003, após o filho de Arnaldo Mashêpapa, uma das lideranças da aldeia Rio Novo, ter tomado contato com esses criatórios para peixes na cidade de Benjamin Constant, que o inspirou a construir um em sua aldeia. Oito anos depois, em 2011, alguns tracajás desse criatório já estavam desovando nas praias artificiais que existia dentro do açude.

Após o seu retorno do intercâmbio no Acre em 2011, além da proteção das praias, Aldeney Võpa também iniciou junto com a sua aldeia Rio Novo a construção de outro açude para criação de filhotes de tracajá e tartaruga.

Os moradores da aldeia Rio Novo cercaram então alguns ninhos nas praias e capturaram cerca de 3 mil filhotes de bichos de casco recém nascidos. Uma parte, 2 mil deles, foram devolvidos ao rio depois de um curto tempo. Nos anos seguintes, outras capturas de filhotes foram realizadas para povoar esses açudes: alguns eram soltos depois de um curto período de tempo, outro ficaram sendo criados por um longo período.

Essa prática é comum em alguns projetos de conservação de bichos de casco, onde os filhotes são criados por cerca de um mês, até que a carapaça fique mais seca e perca o cheiro típico que os filhotes possuem ao nascer e que atrai muitos predadores. Essa é uma técnica de manejo que pode aumentar as chances dos filhotes chegarem à vida adulta e à idade reprodutiva por já estarem maiores e mais resistentes quando soltos, diminuindo o risco de serem predados por outros animais. Situação muito bem observada por Aldeney Võpa:

“Naquela época nós fizemos marcação no casco e hoje em dia teve gente que pegou as tartarugas e vimos nossa marcação. Elas já estavam grandes. Significa que os filhotes que nós soltamos no rio cresceram.”

Mesmo com esses benefícios, essa forma de manejo só é indicada em situações de áreas com populações muito ameaçadas, porque interfere no processo de desenvolvimento do comportamento migratório reprodutivo desses animais, o qual se inicia logo após o seu nascimento.

Apesar de não ser uma técnica de manejo muito recomendada, o sucesso observado no crescimento dos filhotes e o desejo de repovoar o alto Ituí fez com que os Marubo decidissem separar todos os anos uma quantidade de filhotes que serão criados por um a dois meses antes de serem soltos em lagos do alto curso desse rio. Outra parte será solta nos lagos e praias do médio Ituí.



Tracajás “soleando”, tomando sol, no açude da aldeia Água Branca

Após a construção dos açudes no Rio Novo, essa experiência começou a se multiplicar pelo alto Ituí atingindo outras duas aldeias: Vida Nova e Água Branca. Em 2013 já eram cinco aldeias com açudes, incluindo as aldeias Penteaquinho e Alegria. Em 2014 as aldeias São Joaquim e Paraná foram as próximas a fazerem açudes e outras quatro aldeias, Mâncio Lima, Maloca do Paulinho, Praia e Kapivanawai demonstravam a mesma intenção.

Os açudes que foram surgindo junto às aldeias Marubo do rio Ituí eram feitos para criarem peixes, como o pirarucu, e bichos de casco, sendo que os filhotes de tracajá e tartaruga usados para povoar esses açudes eram capturados nas praias do médio Ituí. O discurso, entendido como justificativa, das lideranças nas aldeias muitas vezes era de que criariam os bichos de casco nos açudes porque no rio eles acabariam. Outro discurso recorrente se referia a construir açudes para se ter uma fonte complementar de proteína, situação que preocupa muito os moradores do alto Ituí:

“Os nossos antigos não precisavam criar galinhas, nem outros animais. Mas agora estamos pensando no futuro, nos nossos filhos. Porque os animais já estão muito longe. E nós não vamos nos mudar daqui. Nós temos aqui o Polo de Saúde. Tem as escolas. (...) Nós não vamos sair daqui. Já estamos aqui há 60 anos. Por isso precisamos de açude, para criar muitos peixes e alimentar nossos filhos.”

(Cristiano Samô Vina Marubo, liderança da aldeia Vida Nova)



Filhotes de bicho de casco mantido em açudes se alimentando de folha de taioba

Hilton S. Nascimento / Acervo CTI

Os açudes exigem um grande esforço para serem abertos e a criação de bichos de casco demanda uma alimentação diária rica em proteínas para o desenvolvimento adequado destes animais, além da necessidade de uma assessoria técnica sobre esse trabalho. Com o tempo, muitos filhotes de bichos de casco fugiram desses açudes arrastados pela força das águas dos igarapés durante chuvas fortes e vários açudes foram abandonados tempos depois. Outros continuam existindo até hoje.

Como professor, pesquisador ambiental e responsável pelo cuidado e manutenção de um dos açudes na aldeia Rio

Novo, Aldeney Võpa acompanhou o crescimento dos filhotes de bichos de casco. Através do acompanhamento do crescimento desses filhotes e de vários aspectos a partir de medições periódicas do crescimento deles, tudo registrado no seu caderno de pesquisa, Aldeney Vopã foi aprendendo uma série de informações fundamentais para o projeto de novas formas de manejo de bichos de casco que os Marubo começavam a desenvolver por conta própria no rio Ituí.



Reinaldo Venâpa Marubo / Acervo CTI

Filhotes de bichos de casco sendo coletados para serem levados para criação em açudes

Nos açudes, os filhotes de bichos de casco são alimentados todos os dias com tudo que está disponível nas aldeias: banana e sua casca, casca de melancia, resto de comida, peixe, folha de taioba, folha de batata, semente de cupuaçu, goiaba e outras frutas nativas. O período de maior fartura é o inverno, de janeiro a maio, quando há maior disponibilidade de frutas e a alimentação é mais variada. Apesar disso, a alimentação dada nos açudes, em geral, não consegue chegar à riqueza nutricional disponível nos rios e lagos. Com isso, os filhotes no cativeiro podem demorar mais para crescer, o que leva, entre outros fatores, os especialistas ambientais a indicarem, preferencialmente, o manejo dessas espécies nos seus ambientes naturais e não em cativeiro.

Apesar dessa forma de manejo e proteção das espécies de bicho de casco não ser recomendada e de todas as dificuldades que essa atividade envolve, levando muitas vezes ao fracasso, ainda há uma grande expectativa entre todas as aldeias Marubo do rio Ituí pela construção de açudes.

A criação dos bichos de casco em açudes é a forma de manejo pela qual os Marubo têm demonstrado mais interesse, mais do que a própria proteção das praias com desovas, mesmo com todos os problemas e frustrações já experimentados. Decerto porque não exige, como o fechamento das praias, uma articulação política com as demais aldeias, já que o açude é uma ação que exige apenas a mobilização interna da própria comunidade, “dona” do açude.

O monitoramento técnico das desovas de tracajá e tartaruga no rio Ituí



Em 2013, o CTI atendeu uma demanda dos Marubo do rio Ituí e realizou em parceria com eles e com sua organização indígena OAMI o primeiro monitoramento técnico das desovas de bichos de casco na TI Vale do Javari²⁴. Esse estudo envolveu os três principais bichos de casco (tartaruga, tracajá e pitiú) presentes no médio e alto Ituí, com o objetivo de obter uma melhor compreensão da situação populacional dessas espécies na região e das condições de sua reprodução.

O monitoramento foi realizado em duas áreas de 100 km de extensão ao longo do médio e alto curso desse rio durante os três meses do verão amazônico (julho, agosto e setembro), de modo a acompanhar a época de desovas dos tracajás e das tartarugas.

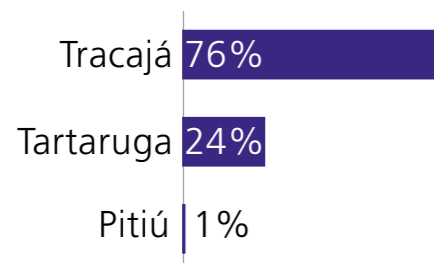
Cada um dos trechos de 100 km foi acompanhado constantemente por um técnico do CTI, especialista ambiental, junto com pesquisadores ambientais Marubo das aldeias próximas.

Monitoramento da praia do Boeiro em 2013, o mais importante tabuleiro de desova de tartaruga do rio Ituí, cheia de rastros de tartaruga

As desovas de tracajás e tartarugas no rio Ituí

Foram registradas 520 desovas de bichos de casco na área monitorada no médio Ituí (396 de tracajá, 123 de tartaruga e uma de pitiú) e 35 desovas no seu alto curso, todas de tracajá. O alto Ituí nunca foi uma área com desovas de tartaruga e o pitiú ocorre somente até parte do médio Ituí, fora da área monitorada. Como foi registrado apenas um ninho de pitiú, a baixa amostragem não permitiu a organização de informações mais detalhadas para esta espécie na região.

Desovas de bichos de casco registradas durante o monitoramento no médio rio Ituí (%)



Apesar de muitos rastros serem vistos nas praias, apenas 13% do total das subidas de tracajá e 14% das subidas de tartarugas registradas no médio Ituí resultaram em desovas.

O estudo mostrou que uma desova de tracajá no Ituí possui em média 26 ovos; já as desovas de tartaruga têm entre 80 e 166 ovos. O peso médio dos tracajás no médio Ituí foi de 5,7 kg, com um comprimento curvilíneo médio da carapaça de 40 cm, com base em 9 indivíduos capturados para consumo pelos Marubo. Não foi possível obter essas informações para as tartarugas e nem para os tracajás do alto Ituí.



Reinaldo Venãpa e seu parente pesando um tracajá na aldeia rio Novo

No médio Ituí, 6,5% das desovas de tracajás e 2% das desovas de tartaruga foram predadas por animais. O tijaçu ou jacururu, conhecido pelos Marubo como *sheké*, é o principal predador dos ninhos desses bichos de casco. Em algumas praias, esse lagarto predou metade das desovas ali encontradas.

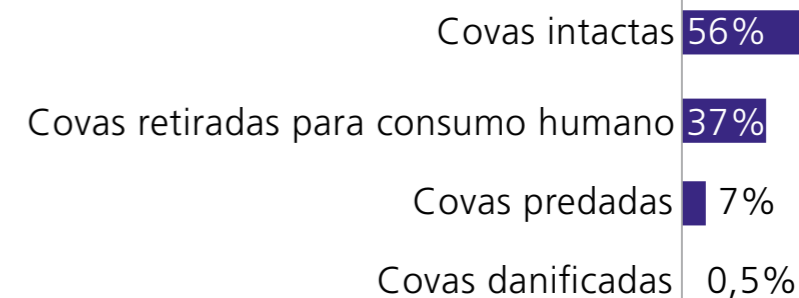
Não foi possível verificar a quantidade de desovas atingidas pela subida brusca do nível da água do rio, os famosos repiquetes, fenômeno frequente e que pode ter um impacto significativo. Em outros estudos na Amazônia, repiquetes chegaram a destruir mais de 50% das desovas.

Pelo menos 37% das desovas de tracajás e 29% das desovas de tartarugas no médio Ituí foram retiradas para consumo humano. Esse valor pode estar subestimado principalmente no caso das tartarugas devido a dificuldade em se acompanhar a situação das desovas já realizadas, tendo o trabalho sido focado mais no registro e monitoramento de novas desovas.

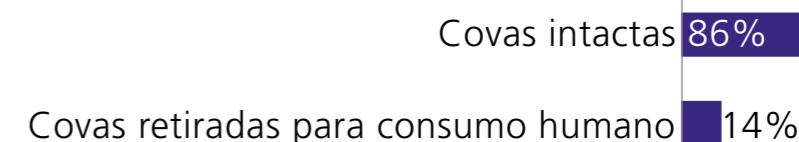
O monitoramento também inibiu as coletas dos ovos por muitos Marubo do alto rio quando em deslocamento pelo médio Ituí em direção à cidade, por considerarem que o trabalho que estava sendo realizado era uma atividade de proteção das desovas. Apesar de várias reuniões explicando que se tratava apenas de um estudo para conhecer informações sobre a reprodução e população das espécies em questão, os Marubo do Rio Novo acabaram protegendo nas praias monitoradas algumas desovas de tartarugas, o que ajudou no mal entendido. No alto Ituí, pelo menos 14% das desovas foram retiradas para consumo, mas as dificuldades encontradas para a manutenção de uma frequência constante do monitoramento nessa área podem ter ajudado a subestimar essas coletas.

Situação final das de desovas monitoradas no rio Ituí (%)

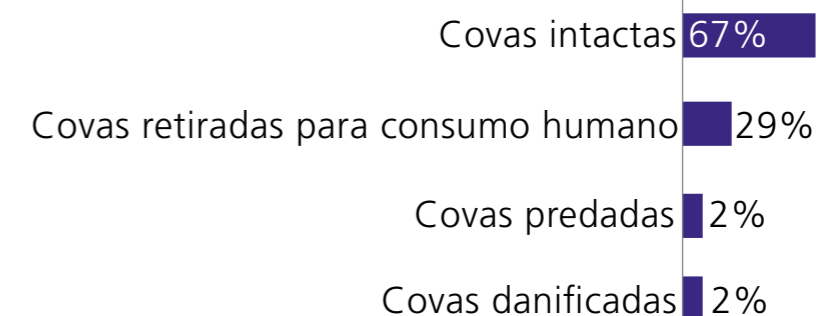
TRACAJÁS NO MÉDIO ITUÍ



TRACAJÁS NO ALTO ITUÍ



TARTARUGAS NO MÉDIO ITUÍ



A retirada de desovas não foram realizadas somente pelos Marubo. Funcionários de instituições que atuam junto aos povos indígenas da TI Vale do Javari também coletam muitos ovos, principalmente os pilotos de barco em deslocamento pelo rio Ituí, como já é de conhecimento na região.

O período e as praias de desovas de tracajás e tartarugas no rio Ituí



Hilton S. Nascimento / Acervo CTI

Rastros e desovas de tartaruga na praia do Boeiro

O ano de 2013 foi um ano atípico, pois o verão chegou tarde, impressionando os próprios indígenas. Nesse ano, as desovas dos tracajás no médio Ituí ocorreram basicamente entre os dias 13 de julho e 13 de setembro. No alto Ituí o período ocorreu entre os dias 15 de julho e 15 de agosto. Tanto o médio como o alto Ituí apresentaram o período de 16 de julho a 10 de agosto como o período de maior “força” das desovas de tracajás.



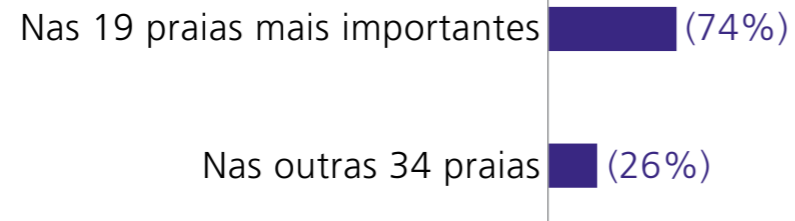
O período das desovas de tartaruga no médio Ituí ficou entre os dias 17 de julho e 22 de setembro, com sua “força” ocorrendo entre os dias 29 de agosto e 4 de setembro.

O médio e baixo rio Ituí possui mais áreas disponíveis para desovas dos bichos de casco, com praias mais compridas e largas do que o seu alto curso.

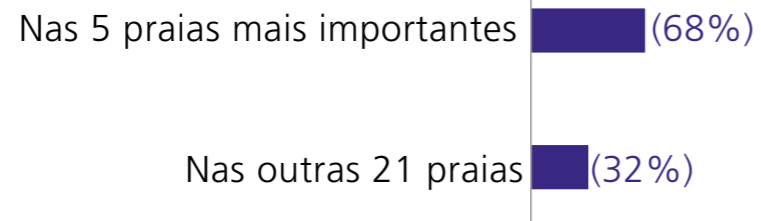
Nos 100 km de área monitorada no médio Ituí, foram levantadas 151 praias, sendo que apenas 19 delas abrigaram 294 desovas concentrando 74% do total de desovas de tracajás. As tartarugas utilizaram apenas 26 praias, com 5 delas abrigando 84 desovas concentrando 68% do total de desovas dessa espécie. Em uma única praia, a praia do Boeiro, foram realizadas 31% do total de desovas de tartaruga.

Desovas encontradas nas praias mais importantes nos 100 km de áreas monitoradas no rio Ituí (%)

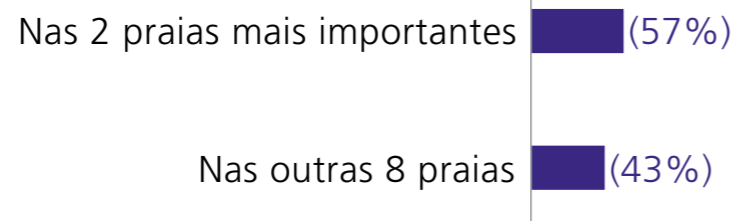
TRACAJÁS NO MÉDIO ITUÍ



TARTARUGAS NO MÉDIO ITUÍ



TRACAJÁS NO ALTO ITUÍ



Praia do médio rio Ituí utilizada para desova pelos tracajás

O alto Ituí possui seu curso mais estreito, sinuoso, com praias pequenas e com poucas áreas expostas ao sol, sendo praias mais úmidas e baixas, além de apresentar muitas folhas. Tal característica faz com que a disponibilidade de praias seja bem menor em comparação ao médio Ituí, caracterizando um fator limitante para a desova dos tracajás. Na verdade, o alto Ituí possui muitos pequenos bancos de areia nas pontas das curvas do rio, mais do que propriamente praias. As desovas de tracajá nessa área do Ituí ocorreram em apenas 10 praias, com duas delas concentrando 20 desovas, ou seja 57% do total registrado.

Essas informações demonstram a preferência dos bichos de casco por algumas praias e a identificação, proteção e manejo adequado desses ambientes são fundamentais para a manutenção da reprodução dessas espécies.

O “vazio” de atividades reprodutivas de tartarugas no baixo Ituí

Apesar do monitoramento ter se concentrado no médio e alto Ituí, foi possível fazer uma análise da movimentação reprodutiva das tartarugas ao longo de 500 km de extensão do baixo e médio trecho desse rio.



Rastros de tartaruga ao longo do rio Ituí

Com base na análise dos registros de rastros de tartarugas verificados nas praias, durante uma viagem realizada na “força” do período reprodutivo dessa espécie, no trecho dos 500 km iniciais do rio Ituí, foi possível dividir essa área em três partes:

- A primeira parte compreendeu a confluência do Ituí com o Itacoaí e se entende por 110 km no seu baixo curso, onde se localizam as aldeias dos Korubo com mais tempo

de contato. Nessa área, com exceção dos 10 km iniciais onde foi verificado em uma única praia, próxima à BAPE Ituí-Itacoaí, algumas subidas de tartarugas, todos os 100 km seguintes não apresentaram nenhuma atividade dessa espécie. Um extenso e completo “vazio” de tartarugas em atividade reprodutiva.

- A segunda parte correspondeu a um trecho de 240 km que compreende parte do baixo e médio Ituí, incluindo a boca do rio Coari e a área da antiga aldeia Matis do Beija-Flor. Nessa área se notou pouca atividade reprodutiva de tartarugas, com uma área de maior atividade próxima a boca do rio Coari. No total essa área apresentou apenas 15% das subidas registradas em todos esses 500 km analisados.
- A terceira parte consistiu em uma área de 140 km ao longo do médio Ituí englobando a totalidade do trecho de 100 km onde foi realizado o monitoramento técnico, além da antiga aldeia Matis do Aurélio e as atuais aldeias Marubo do São Joaquim e Rio Novo. Essa área concentrou 85% de todas as subidas de tartarugas registradas nesses 500 km do Ituí, no auge do seu período reprodutivo.

Essas informações deixam claro que a região do médio rio Ituí, onde se localizam as aldeias Rio Novo e São Joaquim, é a mais importante área para as desovas de tartaruga em todo esse rio.

Em entrevistas realizadas com representantes Marubo, Matis e Korubo, moradores ou ex-moradores dessa região, todos confirmaram a progressiva redução dessa espécie ao longo de muitos anos, na primeira parte do rio Ituí.

“Todo verão é sempre assim, sem rastros de tartaruga nessa área. Tracajá também tem pouco. Pescador acabou com tudo. Agora acredito que está acabando, estou vendo.”

(Franciney Marubo, morador da aldeia Boa Vista)

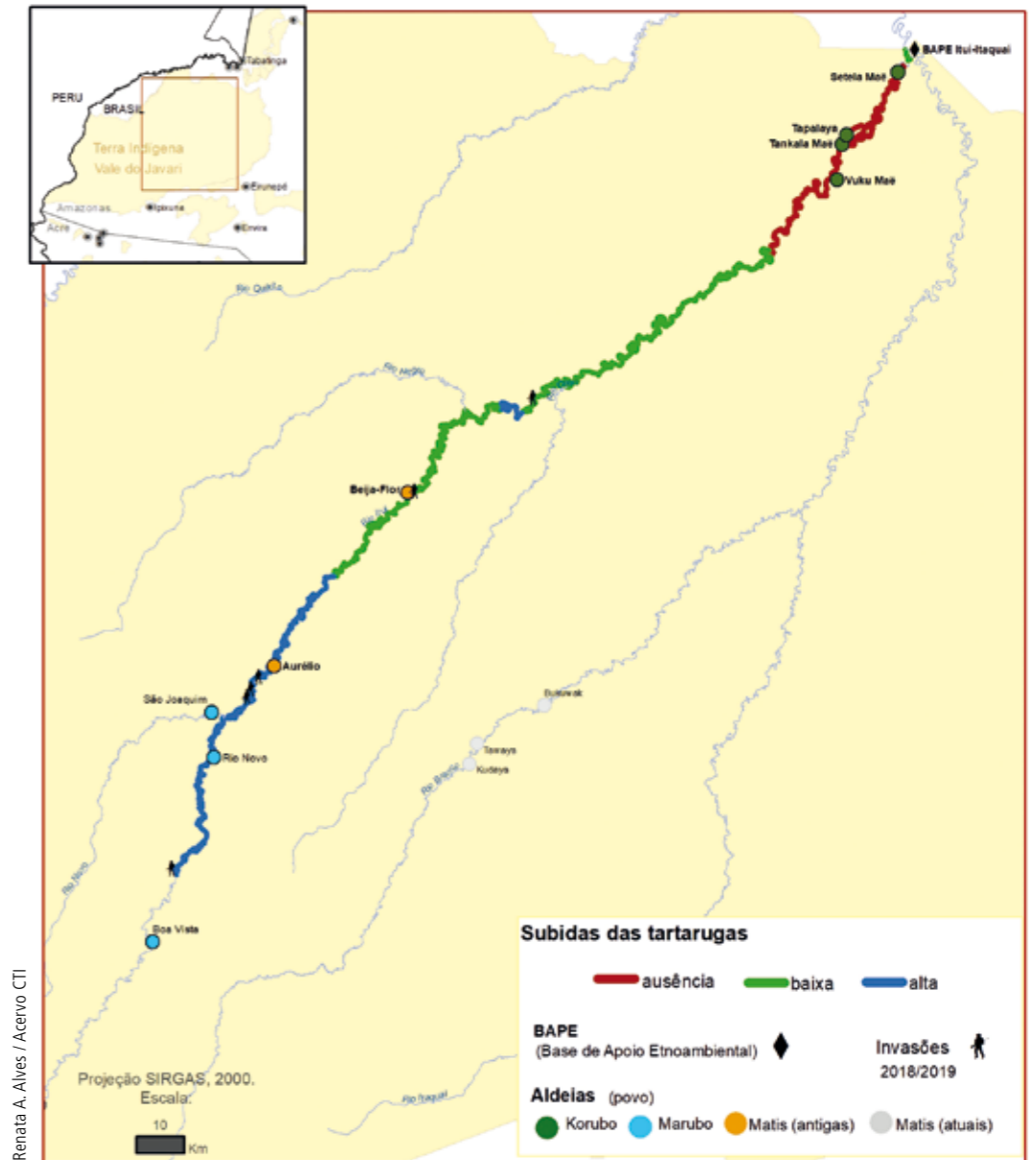


Lirriann Chrisley / Acervo CTI

Sinalização das praias protegidas

Essa situação demonstra a gravidade do impacto provocado pela captura de tartarugas e seus ovos pelos pescadores invasores, que por décadas a fio se concentraram nesse primeiro trecho do rio. Com a redução das tartarugas nessa área, a pressão pela captura de bichos de casco e seus ovos, assim como já verificado em outras áreas da Amazônia, tem se voltado para os tracajás. Tal situação ameaça a continuidade da disponibilidade desse recurso para os Korubo de recente contato que vivem nessa área, comprometendo sua soberania alimentar e acirrando conflitos por esses recursos com os Marubo.

Atividades reprodutivas (subidas às praias) de tartarugas-da-amazônia (*Podocnemis expansa*) | Rio Ituí - TI Javari - AM



fontes: Base cartográfica: IBGE, Terras Indígenas: FUNAI, 2020; Atividade das tartarugas: Nascimento, H. S. & Raimo, A. A. 2013.

Mapa com a situação da atividade reprodutiva de tartaruga ao longo dos 500 km iniciais do rio Ituí

Assessoria às novas formas de gestão territorial e ambiental entre os Marubo do Ituí



Com o objetivo de qualificar as novas ações de gestão territorial e ambiental que os Marubo do Ituí vinham desenvolvendo em relação aos bichos de casco, foram realizadas em 2019 pelo CTI, em parceria com a OAMI e UNIVAJA, duas atividades de apoio com assessoria técnica especializada. Este trabalho²⁵ teve também como objetivo promover a integração do trabalho dos agentes ambientais indígenas (AAIs) Marubo, pessoas fundamentais nessa atividade, com o trabalho dos professores e das lideranças de todas as aldeias na implementação dessas novas formas de manejo dos bichos de casco.



Atividade durante a Oficina de Capacitação de Manejo e Conservação de Quelônios realizada junto aos agentes ambientais indígenas (AAIs) Marubo

Medição dos filhotes de bichos de casco durante a oficina

Esta assessoria envolveu a orientação e o apoio aos indígenas nas discussões que foram realizadas e no planejamento das ações decididas, além de capacitação técnica nas novas estratégias de manejo escolhidas por eles. Estas ações também envolveram conversas e reuniões sobre o futuro dos *shakayavo* (bichos de casco) junto às lideranças e comunidades de cada uma das 17 aldeias Marubo do rio Ituí.



Pedro Cuba / Acevo CTI

Lirriann Chrisley / Acevo CTI

Marcação das covas de bichos de casco pelos AAls Marubo durante a oficina de capacitação

Medição e pesagem dos ovos

Foram realizadas duas capacitações, com aulas teóricas e práticas, envolvendo os agentes ambientais indígenas e outros interessados das comunidades, em métodos de monitoramento reprodutivo e populacional dos bichos de casco, compreendendo:

- Técnicas de implementação e monitoramento de praias protegidas e das desovas encontradas;
- Transferência de desovas;
- Captura e transporte de filhotes;
- Manutenção de filhotes em berçários, cuidados na sua alimentação e soltura;
- Marcação e sexagem;
- Coleta e sistematização de dados.



Lirriann Chrisley / Acevo CTI

Lirriann Chrisley / Acevo CTI

Coleta de desova para transferência

Anotação das informações sobre as desovas

Essas orientações foram uma capacitação inicial em técnicas de monitoramento, sendo necessária uma assessoria de longo prazo e acompanhamento técnico mais constante aos Marubo para a efetiva incorporação dessas novas técnicas em seus procedimentos de manejo.



Pedro Cuba / Acevo CTI

Reunião na aldeia Boa Vista para socialização dos trabalhos planejados

As principais ameaças aos bichos de casco do Ituí



Pedro Cuba / Acervo CTI

Apresentação do professor e pesquisador ambiental Aldenei Vöpa durante a oficina de capacitação

Durante essa assessoria em 2019, foi realizado um diagnóstico participativo junto aos Marubo sobre as vulnerabilidades e ameaças às quais os bichos de casco do médio e alto rio Ituí estão submetidos. Estas foram classificadas em forte, média e fraca, conforme quadro ao lado.

O diagnóstico realizado após análise das informações do monitoramento foi o ponto de partida para as discussões que levaram os Marubo a definirem as possíveis estratégias e soluções para a proteção e manejo dos bichos de casco de seu território, refletidos nos termos do acordo final.

Vulnerabilidades e ameaças aos bichos de casco do rio Ituí, reconhecidas pelos Marubo e classificadas de acordo com a sua intensidade

Vulnerabilidades e Ameaças	Intensidade
Captura por invasores não indígenas	Forte
Venda ilegal pelos próprios indígenas	Forte
Muito consumo dos ovos e adultos	Forte
Aumento das aldeias e população Marubo	Forte
Festa dos Ovos de Tartaruga	Forte
Uso de métodos inadequados de captura	Forte
Pesca com veneno	Forte
Acampamento em praias de desovas	Forte
Muito uso de barcos e motores	Média
Poluição e lixo nas praias e rios	Média
Muitos ataques de lontras aos filhotes	Fraca
Desmatamento	Fraca
Queimadas	Fraca

O acordo entre os Marubo do Ituí sobre o manejo dos seus bichos de casco



Reunião para elaboração e pactuação do “Acordo de Cuidado e Manejo dos Bichos de Casco do Médio e Alto Ituí”

O trabalho de assessoria, realizado em 2019, culminou com a discussão, construção e pactuação do “Acordo de cuidado e manejo dos bichos de casco do médio e alto Ituí”, primeiro acordo formal de manejo de um recurso natural feitos pelos Marubo desse rio.

A construção desse acordo foi realizada nos dias 4 e 5 de setembro de 2019 na aldeia Vida Nova, alto Ituí, após a realização da Festa dos Ovos de Tartaruga, contando com a participação de 52 representantes de 16 das 17 aldeias Marubo desse rio, incluindo chefes de aldeias, lideranças mais velhas, professores e agentes ambientais indígenas. A atividade foi realizada pelos Marubo em conjunto com a sua associação OAMI, parceria da UNIVAJA e a assessoria e apoio do CTI.

Apesar de não terem sido contemplados nesse primeiro acordo de manejo dos bichos de casco realizado pelos Marubo, o compartilhamento desse recurso com os “parentes” isolados é um assunto muito claro no discurso das lideranças. A diminuição dos bichos de casco também afeta os povos indígenas isolados e os Korubo de recente contato que habitam o médio e baixo rio Ituí. A constante reclamação dos Korubo sobre essa questão tem deixado claro que esse também é um tema importante para eles.

“ACORDO DE CUIDADO E MANEJO DOS BICHOS DE CASCO DO MÉDIO E ALTO ITUÍ”

OBJETIVO: Cuidar dos bichos de casco no alto e médio Ituí para manter as tradições, valorizar a cultura e transmitir conhecimentos para a atual e futuras gerações do povo Marubo.

Fica acordado que:

I. Todos os anos serão protegidas 8 praias com o maior número de covas de bichos de casco no médio rio Ituí.

II. Os agentes ambientais indígenas (AAIs) são os responsáveis pelo trabalho de proteção das praias, com a participação dos professores e alunos.

III. As aldeias, junto com os AAIs, com os agentes indígenas de saúde (AIS) e com os agentes indígenas de saneamento (AISAN) vão cuidar para não jogar óleo e outros combustíveis, embalagens vazias e lixo nos rios e nas praias. Um documento será enviado aos parceiros dos Marubo e outras instituições que atuam na área para que os seus pilotos de barco e funcionários também respeitem essa determinação.

IV. As praias com desovas protegidas serão sinalizadas com placas e todas as aldeias serão informadas, através de mensagem de rádio enviada pelos AAIs.

V. As aldeias devem respeitar o trabalho dos AAIs.

VI. As aldeias vão ajudar no trabalho de proteção das praias realizado pelos AAIs.

VII. A Funai deve solicitar apoio da Polícia Federal e Polícia Militar para o trabalho de fiscalização na época das desovas dos bichos de casco, cumprindo com a aplicação de multas nas apreensões dos pescadores ilegais.

VIII. Não está mais permitido levar ovos e bichos de casco para as cidades, mesmo que para consumo próprio, evitando assim a possibilidade de comercialização.

IX. A Organização das Aldeias Marubo do Rio Ituí (OAMI) e a União dos Povos Indígenas do Vale do Javari (UNIVAJA) vão buscar parcerias externas para apoiar as atividades de proteção das praias e conservação dos bichos de casco.

X. Fica definido que 50% dos filhotes de bichos de casco nascidos nas praias protegidas do médio rio Ituí serão soltos nos lagos do alto Ituí e os outros 50% nos lagos e praias do médio Ituí.

XI. A OAMI realizará uma reunião anual para avaliação desse acordo e das atividades de proteção das praias e dos bichos de casco.

Este acordo firmado em 2019 pelos Marubo do rio Ituí, resultado de um processo iniciado em 2006, ainda que se façam necessários ajustes posteriores, é um passo fundamental para garantir o uso sustentável desse importante recurso natural e cultural que são os seus bichos de casco.

Linha do tempo

1999

O início do trabalho do CTI na TI Vale do Javari

Apoiando a política de proteção e fiscalização realizada pela Funai junto à TI Vale do Javari que, em dezembro de 1998, havia finalmente sido declarada como Terra Indígena pelo Ministério da Justiça, o CTI estabelece uma parceria com a Funai para executar o Programa de Proteção Etnoambiental Vale do Javari, visando a proteção e salvaguarda da imensa área demarcada com 8,5 milhões de km² e dos seus recursos naturais. Recursos que há décadas sofriam exploração constante por parte de madeireiros, pescadores e caçadores no período pré-demarcação, ameaçando a sua disponibilidade e a soberania alimentar dos povos indígenas contatados e isolados que a habitam.

2001

O início do trabalho do CTI junto aos Marubo do Rio Novo

Em fevereiro de 2001, o CTI, em parceria com a Funai, realiza um trabalho de levantamento da fauna de grandes vertebrados junto aos Marubo do Rio Novo, para avaliação do trabalho de proteção do rio Ituí realizado pela Frente de Proteção Etnoambiental Vale do Javari desde o ano de 1996. Esse trabalho, realizado por Hilton S. Nascimento, técnico do CTI, tinha também o objetivo de levantar subsídios para fundamentar o planejamento e implementação de ações de uso sustentável para a conservação dos recursos naturais da região, sendo este o primeiro trabalho mais detalhado de avaliação da situação da fauna utilizada pelos indígenas da TI Vale do Javari.

2002



Aili Pyhäälä / Acervo CTI

O início do trabalho de formação de pesquisadores ambientais Marubo

Em julho de 2002, o CTI, em parceria com a Funai e em atendimento a uma demanda dos Marubo da aldeia Rio Novo, envia uma educadora, doutoranda em antropologia pelo Museu Nacional do Rio de Janeiro, Elena Welper, para atuar junto à escola dessa aldeia, onde permaneceu até fevereiro de 2004. Seu trabalho envolveu o apoio às atividades de orientação e formação dos professores Aldeney Võpa Marubo e Reinaldo Venãpa Marubo, bem como a formação contínua deles como jovens professores pesquisadores, reforçando a preocupação com as questões ambientais.

2006



Conrado Rodrigo Octávio / Acevo CTI

O primeiro contato com novas práticas de manejo dos bichos de casco

Em julho e agosto de 2006, oito Marubo moradores das aldeias do rio Ituí, incluindo o professor e pesquisador Aldeney Võpa Marubo, participaram junto com o assessor do CTI, Conrado Rodrigo Octávio, de um intercâmbio no Acre com os povos Yawanawa, Katukina, Ashaninka, Kaxinawa e Manchineri, visitando as TIs Rio Gregório e Campinas e o Centro de Formação dos Povos da Floresta da Comissão Pró-Índio do Acre (CPI-Acre), em Rio Branco. Durante esse intercâmbio, os participantes entraram em contato com vários agentes agroflorestais indígenas e com novas práticas de manejo de recursos naturais, dentre as quais, técnicas de manejo de bichos de casco. No seu retorno a TI Vale do Javari, Aldeney começou a pesquisar sobre a situação dos bichos de casco no rio Ituí junto aos mais velhos e, inspirado pelas iniciativas que conheceu no Acre, começou a experimentar essas novas práticas de manejo de quelônios na sua aldeia Rio Novo. Posteriormente, essas iniciativas foram ampliadas para outras aldeias, tornando-se ele um multiplicador dessas novas experiências entre os Marubo do rio Ituí.

2010/2011



Reinaldo Venãpa Marubo / Acevo CTI

O início da proteção das praias no médio rio Ituí

Ao perceber que todo ano as desovas de bichos de casco estavam diminuindo, Aldeney Võpa Marubo, junto com seu irmão Armando Marubo, começaram a monitorar as praias do médio rio Ituí próximas à sua aldeia. A partir desta iniciativa, em 2011, decidiram iniciar a proteção das praias, ano em que “fecharam” o consumo de ovos de bichos de casco das praias localizadas entre a aldeia Rio Novo e a capoeira do Boeiro. Esta ação provocou reclamações e acusações de muitos Marubo de outras aldeias que ainda não entendiam bem essa estratégia de conservação/manejo. Em 2012, pressionados, acabam liberando o consumo de ovos de bichos de casco nas praias do médio Ituí.

2011



Reinaldo Venâpa Marubo / Aervo CTI

O primeiro açude voltado à proteção dos bichos de casco

Apesar do primeiro açude no rio Ituí ter sido feito em 2003, foi a partir de 2011 que a comunidade da aldeia do Rio Novo fez um açude com a intenção de criar filhotes de tracajá e de tartaruga, para pesquisarem sua criação em cativeiro e entenderem melhor o crescimento e a reprodução desses animais, visando sua proteção e aumento populacional na região. Chegaram a criar mais de 3 mil filhotes de tracajá e tartaruga e a experiência fez com que outras 5 aldeias do alto Ituí também fizessem seus açudes.

2012



Hilton S. Nascimento / Aervo CTI

Levantamento Ambiental Participativo da Biodiversidade do Território Marubo do Rio Ituí

Em fevereiro e março de 2012, o CTI apoiou o primeiro Levantamento Ambiental Participativo da Biodiversidade do Território Marubo do rio Ituí, na aldeia Alegria, coordenado por Hilton S. Nascimento. O objetivo foi contribuir para o planejamento e implementação de políticas públicas e outras iniciativas voltadas para a gestão territorial e ambiental na Terra Indígena Vale do Javari, além de ser uma oportunidade para trocar experiências e unir conhecimento tradicional ao conhecimento ocidental, reconhecendo e valorizando a biodiversidade local e a importância de sua preservação. A metodologia deste levantamento esteve centrada na realização de uma oficina, que contou com a participação de 30 Marubo, representantes de 12 das 15 aldeias Marubo do rio Ituí. A oficina compreendeu atividades de pesquisas monitoradas e pequenas incursões pelo território, quando se pode complementar e sistematizar informações ambientais, potencialidades e fragilidades dos territórios, coletadas de forma intermitente em anos anteriores. Neste levantamento, os participantes destacaram uma expressiva redução das populações de tracajá e tartaruga no rio Ituí, principalmente em seu alto curso, devido a sedentarização, aumento e concentração populacional dos Marubo e ao intenso uso de motores.

2013



Hilton S. Nascimento / Acervo CTI

O primeiro monitoramento de desovas de bichos de casco no rio Ituí

Entre julho e setembro de 2013, o CTI, em parceria com a OAMI e com a Funai, realizou, no médio e alto rio Ituí, o primeiro monitoramento de desovas de bichos de casco de toda a região da TI Vale do Javari. Este trabalho foi coordenado por Hilton S. Nascimento e contou com a participação de 8 pesquisadores ambientais Marubo, além de Andrea Abdala Raimo. Este trabalho teve como objetivo verificar a situação reprodutiva dos tracajás e tartarugas-da-amazônia no rio Ituí. Foram registradas mais de 500 desovas desses quelônios em 200 km de área monitorada e identificadas as principais praias para a reprodução desses animais. Este monitoramento resultou em informações fundamentais para a elaboração das primeiras recomendações técnicas para a proteção desse importante recurso para os indígenas Marubo e Korubo moradores do Ituí.

2014



Hilton S. Nascimento / Acervo CTI

Sistematização do PGTA da TI Vale do Javari

Em setembro de 2014, a equipe técnica do CTI apresentou em reunião na cidade de Atalaia do Norte, contando com a participação das organizações indígenas e lideranças da TI Vale do Javari, os resultados dos Levantamentos Participativos realizados com os Marubo do rio Ituí e com os Matses, Matis e Kanamari. Nesta reunião foi acordado e validado um Plano de Ação para a Gestão Territorial e Ambiental (PGTA) da TI Vale do Javari. A partir das informações contidas neste PGTA as propostas foram estruturadas em uma matriz e organizadas em quatro eixos temáticos: 1) Controle e Monitoramento Territorial; 2) Conservação e Manejo dos Recursos Naturais; 3) Fortalecimento da Transmissão de Conhecimentos Tradicionais; 4) Fortalecimento Institucional. As diretrizes desse PGTA foram novamente reforçadas pelos povos indígenas da TI Vale do Javari em uma reunião realizada na aldeia São Luís entre os dias 12 e 14 de julho de 2019.

A redução das populações de tracajá e tartaruga no rio Ituí, principalmente em seu alto curso, foi reiterada pelos Marubo no seu PGTA, sendo apontada a necessidade de novas práticas e acordos internos de manejo e uso dos bichos de casco.

2018



Marubo anônimo / Acervo CTI

Etnomapeamento dos pontos importantes e de vulnerabilidades para os bichos de casco no rio Ituí

Em novembro e dezembro de 2018, o CTI em parceria com a Organização das Aldeias Marubo do Ituí (OAMI), realizou três oficinas nas aldeias Paraná, Boa Vista e Rio Novo. O objetivo foi a atualização do etnomapeamento das áreas de reprodução de bichos de casco, os principais lagos de alimentação desses animais e os locais de invasão de pescadores em busca dos ovos de tracajá. Atividade que contou com a consultoria de Pedro Cuba dos Santos Mamede e com a participação total de 41 Marubo dos quais 10 mulheres e 7 agentes ambientais Marubo do rio Ituí.

2019



Liriann Chrisley / Acervo CTI

Capacitação dos agentes ambientais e outros jovens Marubo em novas formas de monitoramento e manejo dos bichos de casco

Em junho de 2019, o CTI em parceria com a OAM e Funai realizou a "Oficina de Capacitação de Manejo e Conservação dos Quelônios (*Podocnemis expansa* e *P. unifilis*) na TI Vale do Javari" que contou com a participação de 23 representantes do povo Marubo, incluindo os agentes ambientais.

A atividade visou apoiar os Marubo no planejamento e implementação de novas estratégias de manejo e conservação de tracajás e tartarugas no rio Ituí, através do reconhecimento das formas de manejo tradicional e do diagnóstico das vulnerabilidades e ameaças para o manejo e a conservação desse importante recurso, com a apresentação de novas técnicas de monitoramento e proteção dos bichos de casco num diálogo intercultural de saberes. Atividade que contou com apoio técnico dos consultores Liriann Chrisley N. da Silva e Pedro Cuba dos Santos Mamede e que resultou no planejamento das estratégias de manejo e conservação que foram implementadas pelos Marubo do rio Ituí em processo de formação pelo CTI.

2019



Pedro Cuba / Acervo CTI

Monitoramento e proteção das covas de bichos de casco nas praias do rio Ituí protegidas pelos Marubo

Em agosto de 2019 o CTI e a OAMI, em parceria com as comunidades Marubo do rio Ituí realizou o acompanhamento técnico da atividade dos agentes ambientais Marubo de monitoramento e proteção das 8 praias protegidas pelos Marubo no rio Ituí. Durante essa atividade os agentes ambientais identificaram as praias protegidas através de placas escritas em português e na língua Marubo além de serem capacitados pela consultora Liriann Chrisley no processo de marcação dos ninhos e registros das informações básicas de cada desova. Durante essa atividade os AAls também foram capacitados nos procedimentos de medição dos ovos e ninhos, além do treino nos cuidados necessários no processo de transferência de desovas, manutenção de filhotes de bichos de casco recém nascidos em berçários e na sua posterior soltura.

2019



Liriann Chrisley e Pedro Cuba / Acervo CTI

Pactuação do primeiro acordo para o cuidado e manejo dos bichos de casco entre os Marubo do rio Ituí

Em setembro de 2019, os Marubo do rio Ituí, com apoio do CTI e em parceria com a OAMI e a Funai, pactuaram o “Acordo de Cuidado e Manejo dos Bichos de Casco do Médio e Alto Ituí”, através de uma reunião que contou com a participação da OAMI e de 52 chefes de maloca e lideranças Marubo, representando 16 das 17 aldeias Marubo deste rio.



ACORDO DO MANEJO E CONSERVAÇÃO DOS QUELÔNIOS (TRACAJÁ E TARTARUGA) NO ALTO E MÉDIO RIO ITUI

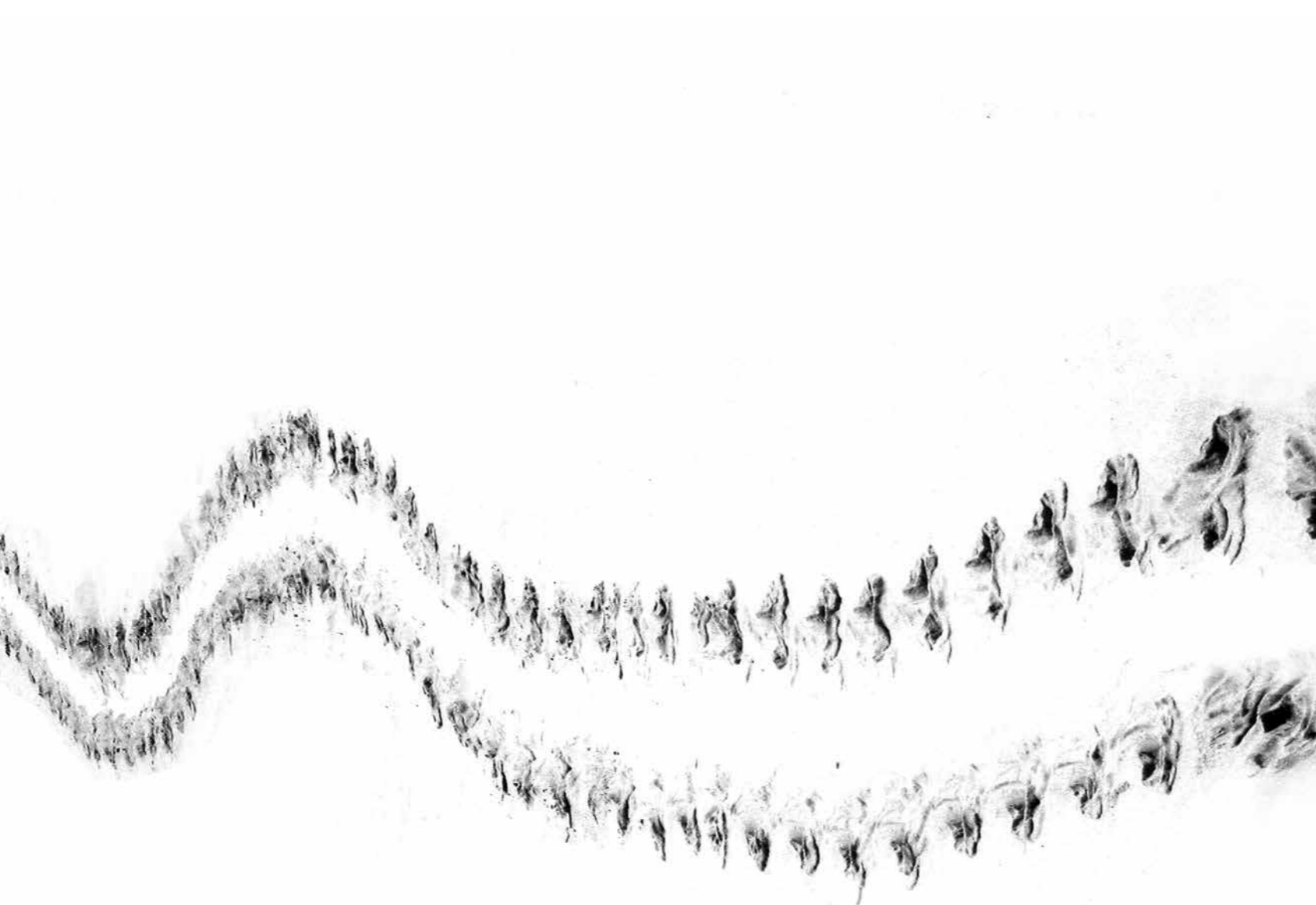
- O acordo tem como objetivo conservar os quelônios (tracajá e tartaruga) no Alto e Médio rio Ituí para manter as tradições, valorizar a cultura e transmitir conhecimentos para atual e futuras gerações do povo Marubo;
- Foi decidido que todo ano serão protegidas as oito praias que apresentam maior número de desova de tracajá e tartaruga no Médio rio Ituí;
- Os Agentes Ambientais Indígenas (AAI's) ficaram responsáveis por envolver as escolas nos cuidados das praias protegidas. Também na organização de orientações juntamente com os professores e AIS/AISAN para as comunidades sobre o problema dos lixos nas aldeias;
- As comunidade iram cuidar para não jogar óleo e/ou combustível, assim como as embalagens vazias nos rios e praias;
- As praias escolhidas para proteção serão sinalizadas através de placas e informadas por meio do rádio pelos AAI's no período da desova do bicho de casco;
- As aldeias deveram respeitar o trabalho dos AAI's;
- As comunidades se comprometem em ajudar os AAI's na vigilância das praias protegidas e demais atividades de manejo e conservação dos bichos de casco;
- Que a FUNAI cumpra com a aplicação de multas nas apreensões de pescadores ilegais, solicitando o apoio da Polícia Federal e Polícia Militar para a fiscalização no período de desova do tracajá e da tartaruga;
- Ficou decido que não é permitido transportar ovos e/ou bicho de casco para as cidades, evitando a comercialização desse recurso por representantes do povo Marubo;
- A OAMI e UNIVAJA ficaram responsáveis por buscar apoio de parcerias externas para apoiar a realização das atividades de manejo e conservação do tracajá e tartaruga;
- Foi definido que 50% dos filhotes nascidos nas praias protegidas serão soltos nos lagos do Alto rio Ituí e 50% dos filhotes serão soltos nos lagos e praias do Médio rio Ituí;
- A OAMI ficará responsável de realizar uma reunião anual para avaliação do acordo e das atividades de manejo e conservação dos bichos de casco (tracajá e tartaruga).

Sebastião Marubo comuni Kapivanaway
 Eduardo Francisco da Cruz KAPIVANAWAY
 Modalena Frasca KAPIVANAWAY
 1- Cleodir Lucas Nascimento Aldeia Praia
 2- Timoteo Dionisio Francisco Aldeia Vida Nova
 Andre nascimento Dóles Marubo Aldeia Paulinho
 Silvio Dionisio MARUBO
 Lucio Nascimento Marubo Vida Nova
 Adilson Mario da Silva Aldeia Rio Novo
 Alcido mariano marubo Aldeia Paraná
 André tal Marubo aldeia Alegria
 Simão Francisco Marubo
 Reinaldo Mário da Silva Pionero
 Walden Lucas nascimento Aldeia Paraná
 Israel Gon de Oliveira - Aldeia Kapivanaway
 Renato nascimento Cruz - ALDEIA PENTIAQUINHO
 Waldes piranga Cruz - ALDEIA PENTIAQUINHO
 Manoel Joaquim - SÃO JOAQUIM
 Isaias Dóles maio Marubo - PAKAVANAWAI
 Severo Dionisio Tama Marubo
 Darcy VINA MARUBO ALEGRIA
 ACJAY CRUZ DIONISIO MARUBO CANERO
 Fernando Cruz da Silva RIO NOVO
 Adão Pisonex Cruz | PENTIAQUINHO
 Glorácio Marubo de Oliveira Kapivanaway
 Otávio Dionisio Francisco Vida Nova
 Genivaldo Oliveira Marubo
 Benedito D. da Silva Ferreira
 Felipe de Souza Silva Aldeia Praia

Arnaldo Domingo do Sento
Estalima Santos Cruz Marubo
João
ANGENOR

Simão Francisco Marubo

Materiais consultados



Ako Marubo, Walmir. 2011. A festa de ovos de tracajá. Trabalho final de conclusão do curso de magistério indígena. Atalaia do Norte. 27 p.

Aquino, Terri. 1997. Levantamento de informações sobre a Terra Indígena Vale do Javari com vista a sua identificação e demarcação. São Paulo: Diretoria de Assuntos Fundiários – FUNAI, Programa Radio Amazônia de Amigos da Terra e Agencia de Cooperação Alemã - GTZ. 118 p.

Avé-Lallemant, Robert. 1980. No Rio Amazonas (1859). Coleção Reconquista do Brasil, vol. 20. Editora Itatiaia Limitada e Editora da Universidade de São Paulo. 265 p.

Cavuscens, Silvio & Neves, Lino João. 1986. Povos indígenas do Vale do Javari: Campanha Javari. Manaus: CIMI, OPAN e Prelazia do Alto Solimões. 59 p.

Ferrara, Camila; Fagundes, Camila; Morcatty, Thais & Vogt, Richard. 2017. Quelônios amazônicos: guia de identificação e distribuição. Manaus: Wildlife Conservation Society - WCS. 180 p.

FUNAI. 1998. Relatório de identificação e delimitação da Terra Indígena Vale do Javari. GT Portarias nº 174/95 e 158/96. Brasília. 159 p.

Mamede, Pedro Cuba. 2019a. Auxílio na implementação de estratégias de manejo e conservação de tracajás (*Podocnemis unifilis*) e tartarugas (*Podocnemis expansa*) entre os Marubo do Ituí (julho). Centro de Trabalho Indigenista - CTI. 30 p.

_____. 2019b. Auxílio na implementação de estratégias de manejo e conservação de tracajás (*Podocnemis unifilis*) e tartarugas (*Podocnemis expansa*) entre os Marubo do Ituí (setembro). Centro de Trabalho Indigenista - CTI. 30 p.

Matos, Maria Helena. 2006. Rumos do movimento indígena no Brasil contemporâneo: experiências exemplares no Vale do Javari. Tese de doutorado em Ciências Sociais. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 274 p.

Melatti, Julio Cezar. 1981. Povos indígenas no Brasil. Volume 5 – Javari. São Paulo: CEDI. 157 p.

Nascimento, Hilton & Raimo, Andrea Abdala. 2013. As desovas de tracajás (*Podocnemis unifilis*) e tartarugas-da-amazônia (*Podocnemis expansa*) no médio e alto rio Ituí, Terra Indígena Vale do Javari. Centro de Trabalho Indigenista - CTI. 161 p.

Nascimento, Hilton. 2014. Levantamento ambiental participativo da biodiversidade do território Marubo do rio Ituí, Terra Indígena Vale do Javari. Centro de Trabalho Indigenista - CTI. 63 p.

_____. 2019. Caracterização socioambiental do entorno da Terra indígena Vale do Javari. Centro de Trabalho Indigenista - CTI. 200 p.

Neves, Irison. 2017. Atividades de assessoria à Organização das aldeias Marubo do rio Ituí (OAMI) para a realização de levantamento junto aos Marubo nas aldeias nos rios Ituí e Curuçá e nas cidades de Guajará e Cruzeiro do Sul (na região do alto Juruá, entorno da TI Vale do Javari). Centro de Trabalho Indigenista - CTI. 42 p.

Octávio, Conrado Rodrigo. 2015. Rios, varadouros e outros caminhos – fronteiras e territorialidades em transformação no Vale do Javari. Dissertação de mestrado em Antropologia Social. Museu Nacional. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 203 p.

Raimo, Andrea Abdala. 2014. Relatório de viagem ao rio Ituí. Centro de Trabalho Indigenista - CTI. 36 p.

Reis, Rodrigo; Comapa, Darcy & Wadick, Almério. 2019. Relatório do recenseamento sociodemográfico participativo da população indígena na área urbana do município de Atalaia do Norte-AM. Atalaia do Norte: SEMAI/UFAM/CESTB. 20 p.

Silva, Liriann Chrisley. 2019a. Consolidação e implementação de acordos de manejo e conservação de tracajás (*Podocnemis unifilis*) e tartarugas-da-amazônia (*Podocnemis expansa*) junto a comunidades Marubo no rio Ituí (julho). Centro de Trabalho Indigenista - CTI. 35 p.

_____. 2019b. Consolidação e implementação de acordos de manejo e conservação de tracajás (*Podocnemis unifilis*) e tartarugas-da-amazônia (*Podocnemis expansa*) junto a comunidades Marubo no rio Ituí (novembro). Centro de Trabalho Indigenista - CTI. 87 p.

Spix, Johann & Martius, Carl. 1981. Viagem pelo Brasil: 1817 – 1820. Coleção Reconquista do Brasil (Nova Série), vol. 48. Editora Itatiaia Limitada e Editora da Universidade de São Paulo.

Tenazor, Nailson. 2016. Madeireiros peruanos invadem e extraem madeira ilegal no Vale do Javari. Jambo Verde. 17 de novembro de 2016. Disponível em: <http://jamboverde.blogspot.com/2016/11/jambo-verde-madeireiros-peruanos.html>

_____. 2018a. Mais de 300 quelônios são apreendidos em Atalaia do Norte (AM). Jambo Verde. 3 de setembro de 2018. Disponível em: <http://jamboverde.blogspot.com/2018/09/mais-de-300-quelonios-sao-apreendidos.html>

Vogt, Richard. 2008. Tartarugas da Amazônia. Lima: INPA & Amazon Conservation Association. 104 p.

Welper, Elena. 2009. O mundo de João Tuxaua: (Trans)formação do povo Marubo. Tese de doutorado em Antropologia Social. Museu Nacional. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 259 p.

'Notas de fim'

- 1 Oficina realizada pelo CTI, como etapa da formação de pesquisadores ambientais indígenas.
- 2 (Melatti, 1981)
- 3 (Welper, 2009)
- 4 (SIASI-SESAI/MS, 2019)
- 5 (Reis et al., 2019)
- 6 (CTI, 2017)
- 7 (Welper, 2009)
- 8 (Matos, 2006; Octávio, 2015)
- 9 (SIASI – SESAI/MS, 2019)
- 10 (Juliana Oliveira Silva, comunicação pessoal)
- 11 (Avé-Lallemant, 1980)
- 12 (Spix & Martius, 1981)
- 13 (Melatti, 1981)
- 14 (Cavuscens & Neves, 1986)
- 15 (FUNAI, 1998)
- 16 (Aquino, 1997)
- 17 Mais tarde passando a ser conhecida oficialmente como Bape Ituí-Itacoáí.
- 18 (Tenazor, 2016)
- 19 (Tenazor, 2018a)
- 20 (Melatti, 1981)
- 21 Apesar de ser conhecido pelo seu nome em português como jabuti, esse animal não é considerado um *shawe* "jabuti" pelos Marubo por ser um animal aquático que vive em poças de água no interior da floresta, diferentemente do jabuti vermelho (*Chelonoidis carbonarius*) e do jabuti amarelo (*C. denticulatus*) que sim são as espécies de quelônios terrestres que formam a categoria dos *shawe* para os Marubo.
- 22 Também grafado como Shaven Vatxi ou Shawewã Tipiã.
- 23 Com o apoio e assessoria do CTI no âmbito do Projeto "Gestão Participativa para a Proteção da TI Vale do Javari", apoiado pela Rainforest Norwegian Foundation/RFN.
- 24 Diagnóstico realizado no âmbito do Projeto "Gestão Participativa para a Proteção da TI Vale do Javari" com o apoio da Rainforest Norwegian Foundation/RFN.
- 25 Atividade inserida no projeto "Consolidando Experiências de Gestão Territorial e Ambiental em Terras Indígenas" apoiada pelo Fundo Amazônia/BNDES.



Realização



Apoio

